

· MARIA · PAULA · DE · AZEVEDO ·

· PORTUGAL · PARA · OS · PEQUENINOS ·



· OS · GRANDES · PORTUGUEZES ·

Portugal para os pequeninos

L
7848

MARIA PAULA DE AZEVÊDO

IMP LEG.
Portugal
para os pequeninos

(OS GRANDES PORTUGUEZES)



LISBOA

Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial

Praça dos Restauradores, 24

1915

A ideia, que levou a auctora d'este livrinho a escrevel-o, foi simplesmente o desejo de bem fixar no espirito das creanças portuguezas os caracteres principaes dos grandes homens de Portugal: como uns desenhos, cujos contornos fôsem feitos a traços fortes e de linhas inconfundiveis.

A grandeza d'um Luiz de Camões, d'um Infante D. Henrique, d'um Marquez de Pombal, difficilmente poderá ser abrangida e apreciada por espiritos infantis; comtudo esforçou-se a auctora por dar a impressão do feitió moral d'esses homens de essencia superior e intelligencia genial, accentuando as particularidades mais notaveis das suas existencias.

Tornar os grandes portuguezes uns amigos queridos das nossas creanças, como um estímulo ao seu proprio desenvolvimento, eis a unica ambição da auctora e o unico fim com que estas paginas foram escriptas.

Egas Moniz

— Oh avó — começou o Joaquim um domingo de tarde em que estavam todos reunidos no terreiro em frente da casa — que bom que era se vossemecê contasse uma historia á gente!

— Que rica ideia! — gritou o Manuel batendo as palmas.

— Eu cá sento-me ao pé da avó — declarou a Therezinha levantando-se.

— Ora valha-me Deus, meus mafarricos — respondeu sorrindo a snr.^a Maria — que lhes hei-de eu contar?

— Enquanto me lembrar das noites d'inverno em que vossemecê contou a Historia de Jesus Christo (1) — observou a Francisca — parece-me que nunca mais gosto de historia nenhuma.

— Era linda, isso era . . . — disse o Joaquim pensativo.

— Mas era tão triste! — observou o Manuel.

— Eu lembro-me que chorei tanto tanto — disse a Therezinha — que até me incharam os olhos!

— Pois meus meninos — voltou a snr.^a Maria — verdade seja que nem sei bem o que lhes conte . . . Não é dizer-lhes que me não lembre d'algumas historias bonitas que aprendi na cidade; só em casa do snr. conego Negrão, onde até ia um senhor muito sabio chamado o snr. Alexandre Herculano, ouvi eu contar coisas do arco da velha!

(1) Vidè a *Historia de Jesus contada ás creanças*, da mesma auctora.

— Conte, avó, conte — pediram os pequenos.

— Eu sei cá se essas historias vos divertem, filhos? São tudo coisas que aconteceram na nossa terra; historias de gente muito valente e esperta, que deu brado no mundo, percebem?

— Conte, avó, conte! — repetiram os tres pequenos a um tempo, abraçando a snr.^a Maria e apertando-a com tal impeto, que a não deixavam mexer-se.

— Então que pouca vergonha é esta? — rallhou o José Antonio meio a sério, meio a rir — então a avó é de trapos, para lhe darem tratos d'esses?

— Deixa-os lá, Zé — respondeu a boa velha a rir, vendo-se emfim livre d'aquelles abraços — vamos a vêr se me lembro da historia do Egas Moniz, que foi aio de D. Affonso Henriques, quando elle era principe e . . .

— Esse foi o primeiro rei de Portugal! — interrompeu o Joaquim, que fizera já o exame do 1.^o grau e tinha gosto pelo estudo.

— Pois vou contar-lhes a historia do bom aio.

— O que vem a ser aio? — perguntou a Therezinha.

— O aio era o ajudante, o educador, o amigo, o conselheiro, emfim quem acompanhava sempre o principe por toda a parte.

N'esses tempos, que já lá vão ha muitos centos d'annos, havia guerras e mais guerras; e o rei de Hespanha, que tambem se chamava Affonso . . .

— Era o pae da rainha D. Thereza, não era? — perguntou o Joaquim.

— Olha, menino, julgo que sim, mas se queres que te diga, pouco ou nada sei lá dos reis hespanhoes.

O que eu sei é que era Affonso e era avô do principe portuguez.

Pois apesar de serem parentes, andavam ás bulhas um com o outro; e isto porquê? porque o nosso não queria ser mandado pelo hespanhol: queria que em Portugal só governassem os portuguezes.

— E tinha muita razão — declarou o Joaquim.

— Era dar p'ra baixo no hespanhol e prompto — observou o Manuel.

— Ora havia uma cidade chamada Guimarães. . .

— E' a terra do padrinho — acudiu o Joaquim.

— E o rei da Hespanha, que não podia levar á paciencia que o D. Affonso Henriques se não quizesse sujeitar a elle, resolveu cercar a cidade de Guimarães.

— Como era isso, avó? — perguntou a Therezinha.

— Eu não sei bem como era, mas julgo que era como quem cercasse uma casa, com gente, cavallos, soldados e tudo mais.

— Mas se era uma cidade, avó! — disse o Joaquim.

— E' que antigamente as cidades tinham uns muros altos á roda e umas portas muito grandes para se entrar n'ellas.

E o rei da Hespanha poz-se com muitos centos de soldados á volta dos muros de Guimarães a guardar as portas, de maneira que todo o povo estava lá dentro fechadinho, sem sequer poder receber as comedorias que os almocreves costumavam levar.

Isto ao principio não lhes fazia grande mozza, porque tinham lá dentro com que se sustentar muito tempo.

Mas depois, começa a faltar tudo e os portuguezes a vêr que tinham de dar o seu braço a torcer ao rei hespanhol.

— Que pena. . . — suspirou o Joaquim.

— Porque logo que a nossa gente se sujeitasse a elle, o rei de Hespanha levantava o cêrco, percebem vossemecês?

— Tal está o hespanhol! — resmungou o José Antonio.

— Ora o bom aio Egas Moniz andava todo afflicto a vêr o caminho que as coisas tomavam.

E pensava lá de si para si que era na verdade bem triste e bem mau, estar-se a deixar morrer de fome uma cidade inteira.

E que faz elle, meus meninos? Sem nada dizer ao principe, aqui vae ter com o rei da Hespanha, e promete, em nome de D. Affonso Henriques, a sujeição do seu amo logo que o cêrco fôsse levantado.

— Que mau deve ser um cêrco — murmurou a Therezinha.

— Ora o rei de Hespanha, ouvindo a promessa d'Egas Moniz, que era tido e havido como o homem mais leal e respeitado de Portugal, não quiz ouvir mais nada e acabou com o cêrco.

Mas o principe Affonso Henriques, quando soube pela bôcca do seu aio da promessa que elle fizera em seu nome, quando soube que teria de sujeitar-se ao hespanhol, entrou n'uma tal zanga, que nem já sabia o que dizia!

E acabou por declarar que não fazia caso da promessa do aio e que em Portugal só os portuguezes haviam de mandar.

— Fez elle muito bem — disse o Manuel.

— Então o Egas Moniz, coitado, que era escravo da sua palavra, disse ao principe: visto que a promessa, que eu fiz em vosso nome, não póde ser cumprida, irei eu mesmo com a minha familia offerecer as nossas vidas ao rei de Hespanha.

— Para que é que o rei de Hespanha queria as vidas d'elles? — perguntou o Joaquim.

— Para nada, filho, isso é verdade; mas o Egas Moniz,

que tinha dado a sua palavra, preferia a morte a não cumprir o que promettera, percebes?

E aqui vae o bom do aio, com a sua mulher, com os seus filhos, tudo a caminho da Hespanha; mas de que maneira! Todos descalços, coitadinhos, e com uma corda ao pescoço!

— Para quê, avó? — perguntou a Therezinha.

— Assim costumavam ir os condemnados á morte; e como elles iam offerecer as suas vidas, vestiam-se como os condemnados.

— E o mau do hespanhol matou-os? — perguntou o Manuel.

— Quando o rei os viu chegar, e o pobre Egas Moniz, já velho e cansado, se lhe deitou aos pés, ficou todo impressionado! Levantou-se para abraçar o aio tão leal e fiel, escravo da sua palavra; encheu-os de lindos presentes e mandou-os para Portugal outra vez.

— E ainda vinham descalços? — disse a Therezinha.

— Sempre és muito pateta! — exclamou o Joaquim.

— Vinham todos calçadinhos — respondeu a avó a rir, — e o proprio rei é que tratou de os mandar calçar.

— E' linda a sua historia, avó — declarou o Manuel abraçando a snr.^a Maria.

— N'esse caso, estou vendo que se arranja uma para cada domingo! — respondeu a boa velha muito satisfeita e risonha.

O Lidador

—Vamos a saber — perguntou a snr.^a Maria no domingo seguinte — qual dos meninos é que se lembra como se chamava o aio de D. Affonso Henriques?

—Egas Moniz! — gritaram os dois rapazes.

—Eu sabia só que o nome fazia lembrar *nariç* — disse a Therezinha.

—Oh que patetinha! — exclamou o Joaquim rindo á gargalhada.

—Pois lembro-me hoje d'uma historia ainda mais linda que a de hontem — disse a snr.^a Maria — A que lhes vou contar, ouvi-a eu lêr ao snr. Herculano que Deus haja. Estava escripta n'um livro mesmo feito por elle.

Aquillo é que era lêr! Ia a seguir, a seguir, como se estivesse tudo escriptinho n'aquella cabeça.

—E o snr. conego tambem ouvia? — perguntou o Manuel.

—Pois está visto que sim; e com que gosto! Chamava-se assim a historia que eu ouvi lêr: *A morte do Lidador*.

—Quem era o Lidador? — perguntou o Joaquim.

—Já vaes ouvir, filho. Não julguem vossemecês que eu entendia tudo tudo o que elle lia, isso sim! Havia cada palavrão, Deus me perdoe, a nomear coisas antigas que aquella gente usava nas guerras...

—Estou morto por ouvir — disse o Manuel chegando-se para a avó.

— Isto passava-se no reinado de D. Affonso Henriques, e havia um homem muito valente chamado Gonçalo Mendes da Maia. Eram tantas as guerras em que elle tinha andado, que lhe chamavam sempre o Lidador, e todos tinham por elle um grande respeito.

Quando elle chegou aos 95 annos...

— Ai avó, que velhinho — observou o Joaquim.

— Pois tinha os seus 95 já feitos, quando...

— Andava como o ti'João da Horta, avó? Todo curvadinho... — disse a Therezinha.

— Qual curvadinho, nem meio curvadinho — respondeu a avó com vivacidade — era um velho muito alto, direito como um fuso, com umas barbas brancas como a cal da parede que lhe chegavam á cinta.

— Porque é que elle não as cortava um pouco? — perguntou a Therezinha.

— Então não vês que ainda cresciam mais? — respondeu o Manuel a rir.

— Quando se calarão estas alminhas — murmurou a Francisca, sorrindo com indulgencia.

— Isso só lá para o dia de S. Nunca — retorqui'u o José Antonio.

— Pois como vos disse já — voltou a avó — o Lidador era um homemzarrão; e, apezar dos seus 95 annos, podem crêr que ninguem se mettia com elle.

O rei, que o conhecia bem, nomeou-o para governar a cidade de Beja.

— Isso fica lá para o Alemtejo — disse o Joaquim, sentencioso.

— Tudo ali á roda eram campos onde volta e meia surgiam mouros; ora os mouros o que queriam era apanhar a cidade de Beja, e matar quantos portuguezes encontrassem.

O Lidador, que era fronteiro da cidade. . .

— Que é isso, avó? — interrogou o Manuel.

— Chamava-se assim ao governador d'uma terra na fronteira. Um bello dia, andavam uns portuguezes fóra das portas de Beja. . .

— E tambem lá havia os taes muros em volta da cidade? — perguntou a Therezinha.

— Pois havia, menina. E que viram os taes homens? Uma grande setta dos mouros, cravada no tronco d'um carvalho.

— Que queria isso dizer? — perguntaram os tres pequenos cheios de curiosidade.

— Queria dizer que os senhores mouros já ali tinham chegado; era como que um desafio atrevido aos portuguezes, percebem?

Como se os mouros dissessem: estamos aqui, estamos em Beja!

— Tambem, estavam sempre a tirar terras uns aos outros — observou o Joaquim.

— O velho fronteiro quando tal soube, credo! . . .

Resolveu que logo no dia seguinte haviam d'ir muitos portuguezes p'los campos fóra até encontrar os atrevidos que tinham vindo provocal-os.

— Mas elle é que não ia, com certeza — disse a Therezinha — tão velhinho!

— Eu aposto que elle até ia á frente de todos! — exclamou o Joaquim.

— Pois acertaste —olveu a avó — Gonçalo Mendes da Maia mandou vir um grande cavallo; mandou que lhe trouxessem a sua grandecissima espada, que era um espadairão d'um tamanho! . . .

— Isso é que devia pesar! — observou o Manuel.

— Aquillo era um peso tal, que tinha de ir presa do pulso d'elle por uma corrente, para que nunca pudesse cahir.

Havia muitos outros valentões que iam com elle; um chamava-se Mem Moniz, e até era irmão de Egas Moniz.

Era uma familia de truz aquella dos Monizes! Lá iam tambem os filhos do bom aio.

— Os que tinham ido descalços até á Hespanha? — perguntou a Therezinha.

— Esses mesmos.

Quando se metteram a caminho ia o velho Lidador á frente.

— Eu bem dizia! — gritou o Joaquim triumphante.

— Andaram, andaram, andaram, e nada de mouros. . .

A cidade já nem se via, e elles sempre por ali fóra, todos folgazãos e valentes.

— Ai que mêdo, avó. . . — murmurou a Therezinha.

— Pois mêdo é que elles não conheciam, isso sim! N'isto, quando iam a passar ao pé d'uns pinhaes muito sombrios. . .

— Que foi? que foi? — perguntaram anciosos os rapazes.

— Vêem cahir um dos soldados, que tinha corrido um pouco adeante da tropa: era uma malfadada setta moura, que vinha lá das sombras dos pinhaes!

— Ai que susto! — disse a Therezinha, muito afflicta.

— Isto fez tal zanga á nossa gente, que rompe n'uma furia p'los pinhaes dentro.

N'essa altura já a tropa moura se via; e era tamanha! Contava o snr. Herculano que eram cinco vezes mais que os nossos!

— Cinco vezes mais! — repetiu o Joaquim com admiração.

— Quando o chefe dos mouros viu o Lidador, correu para elle a todo o galope para o matar; e como os mouros montavam uns cavallinhos muito espertos, parecia mesmo que voavam d'um lado para o outro, ora aqui, ora acolá!

— E os cavallos portuguezes não eram assim? — perguntou o Joaquim.

— Os nossos eram mais pesadões, e como os cavalleiros portuguezes d'aquelle tempo andavam vestidos de ferro...

— De ferro?! — exclamaram os pequenos.

— Sim, senhor, tinham couraças de ferro, capacetes nas cabeças, joelheiras e eu sei que mais! De maneira que não andavam assim ás galopadas como os mouros.

O Lidador recebeu o chefe mouro com tanta força, que nem se mexeu do cavallo! e deu-lhe uma tal pancada, que logo se abriu uma grande ferida.

— Ai, não gosto nada d'essas coisas — disse a Therezinha desconsolada.

— Mas o mouro não tinha morrido; de maneira que, quando o Lidador menos esperava, atirou-se a elle com furia, e o fronteiro cahiu no chão.

— Morreu? — perguntaram os tres pequenos anciosos.

— Oiçam e verão. Quando os portuguezes viram cahir o seu valente chefe, e p'ra mais, apparecer uma outra tropa de mouros, desanimaram todos; mas quando o Lidador viu o desanimo da sua gente, parece que creou alma nova: gritou por um cavallo e aqui vae elle, pondo-se á frente dos seus, correndo até ao outro chefe mouro.

— Capaz de o matar... — acudiu o Joaquim.

— Pois assim foi, menino! Cheio de feridas e de sangue, era como se nada tivesse! Os mouros vendo-se sem chefe, deram ás de Villa Diogo...

— E nós é que vencemos! — gritou o Joaquim, batendo as palmas.

— Mas depois de tanta coragem, as forças do Lidador foram-se; e esse grande portuguez cahiu morto no chão.

— Que pena! — disse o Manuel.

Martim Moniz

— Oh avó! oh avó! — gritou o Joaquim, correndo para a avó no domingo seguinte — o snr. professor chamou-me ha bocadinho, á sahida da missa, e disse-me que estava todo contente que vossemecê nos contasse estas historias tão bonitas e . . .

— Mas quem é que lh'o disse, ora valha-me Deus! — interrompeu a snr.^a Maria.

— Fui eu! — exclamou o Manuel com enthusiasmo.

— E sabe que mais, avó? — continuou o Joaquim — o snr. professor fartou-se de dizer bem de vossemecê, e que com as suas historias a gente ficava a saber immensas coisas.

— Cá a mim nunca mais me esquecem — disse o Manuel.

— E o snr. professor acabou por dizer que vossemecê até devia convidar mais rapaziada para ouvir.

— Crédo! Deus me livre — declarou a snr.^a Maria com energia.

— Oh avósinha, deixe ao menos vir a Monica, sim? — supplicou ternamente a Therezinha.

— Se vier a massadora da tua Monica, tambem ha-de vir o João Francisco — disse o Joaquim.

— E o Miguel, avó? — pediu o Manuel.

— Deixe tambem a Marianna, sim? — tornou a Therezinha.

— Santo nome de Jesus! — exclamou a snr.^a Maria — pois então não querem vossemecês que eu abra aula?!

— Se vossemecê se não enfada que venha para ahi tanta miuçalha, mãe — interrompeu a Francisca que vinha a chegar á porta — póde combinar-se que appareçam por cá ahi por volta das Trindades; está o rapazio todo estafadinho de brincar e até lhes sabe bem um descanso aqui á sombra, a ouvir as coisas que vossemecê conta.

— Mas ha-de haver muito juizo, senão... — observou o José Antonio, com o seu modo rude.

— Que bom! Que bom! — applaudiram os pequenos.

— E a historia de hoje, avó? — acudiu o Joaquim de repente.

— Cuidei que se esqueciam, marôtos — respondeu a avó sorrindo — e era pena, pois a de hoje é muito linda: é a de Martim Moniz.

Reinava então o primeiro rei que nós tivemos; como se chamava, Therezinha?

— Eu bem sei — acudiu a pequena — era D. Affonso Rodrigues!

— Ai, nunca se ouviu uma coisa assim! — gritou o Joaquim á gargalhada, enquanto o Manuel saltava pelo terreiro, rindo a bom rir.

— Henriques, minha filha — disse a avó — Affonso Henriques é que s'elle chamava.

Ora n'esse tempo ainda a cidade de Lisboa não era nossa, sabem vossemecês?

— De quem era, avó? — perguntou o Manuel.

— Dos mouros. E aquillo era a *menina dos olhos* da nossa gente! Está bem de vêr, que andando a fazer-se o reino de Portugal, não podia ficar uma cidade graúda como era Lisboa cá mettidinha dentro, sem vir a ser portugueza por força. Mas os mouros tinham-n'a muito bem defendida, cheia de muralhas á volta, e cada porta que era um tama-

nhão. Apesar d'isso, os portuguezes resolveram que haviam de tomar Lisboa aos mouros, custasse o que custasse.

— E cá os nossos — observou o Joaquim — em se lhes mettendo uma coisa na cabeça . . .

— Mas então não era mais bonito se elles pedissem aos mouros para lhes vender Lisboa? — perguntou a Therezinha.

— Isso era, tambem me parece — respondeu a avó — mas os mouros é que talvez não estivessem pelos ajustes; e n'aquelles tempos as terras tomavam-se á força de espadairadas.

A' frente dos portuguezes ia Martim Moniz, um valentão como poucos!

— Parece que todos os Monizes são valentes — disse o Joaquim.

— Já mais de uma vez tinham os nossos assaltado as portas de Lisboa; mas qual! resistiam como se nada fosse, e nem abaladas ficavam.

Ora o que elles queriam, era ao menos abrir uma nesga; porque em se apanhando dentro da cidade, estava o caso mais facil.

— E os mouros todos lá dentro á espera, credo! — murmurou a Therezinha assustada.

— Os portuguezes não são medrosos, fica sabendo — declarou o Joaquim, olhando a Therezinha com desdem.

— Lá isso é que nunca foram — continuou a snr.^a Maria — e n'essa occasião bem o mostraram!

O Martim Moniz, já cheio de feridas e de sangue, a defender-se das settas dos mouros como um leão, não perdia a coragem e ia animando os companheiros; mas a porta resistia á furia dos nossos.

— Que tal ella era! . . . — disse o Manuel.

— N'isto vêem uma nesguinha da porta começar a

abrir-se, correm para ella; mas os mouros empurram-n'a com toda a força, e muitos dos nossos ficam esmagados.

— Eu bem dizia que era perigoso — gemeu a Therezinha.

— Mas o Martim Moniz volta á carga; e quando viu a porta começar outra vez a abrir-se, atira-se contra a abertura.

— Ai que ficou entalado — disse a Therezinha quasi a chorar.

— Sim, meninos, deixou-se cahir atravessado na porta! e como assim o seu corpo não deixava que ella se fechasse, puderam os portuguezes entrar em Lisboa, passando sobre o cadaver do seu chefe!

— Este ainda é dos maiores! — disse o Joaquim com respeito e admiração.

— E os outros quizeram passar por cima d'elle? — perguntou o Manuel indignado.

— Bem vêes que ali tratava-se de tomar Lisboa, fôsse como fôsse: havia aquelle caminho aberto, ahi vão elles pela cidade dentro.

— E Martim Moniz, demais a mais, tinha feito isso mesmo para que elles passassem, não tinha? — observou o Joaquim.

— Pois está visto, filho. Que homens aquelles!... — concluiu a snr.^a Maria com sincera admiração.

Martim de Freitas

No domingo seguinte, estava muito augmentado o auditorio da snr.^a Maria.

Viam-se rapazinhos timidos, torcendo os barretes nas mãos; pequenitas a chuchar no dedo e de olhos no chão, todos á espera que a snr.^a Maria chegasse.

O João Francisco, mais á vontade, trincava pinhões; o Miguel ia aproveitando o tempo jogando ás pedrinhas com o seu amigo Manuel.

— Lá vem a avó! — gritou o Joaquim atirando o barrete ao ar.

— Ih, meu Deus, o que ahí vae de rapaziada! — disse a snr.^a Maria a rir — então vossemecês querem ouvir historias?

— Queremos, sim, senhora — respondeu o João Francisco.

— E hoje vae a do Egas Moniz, avó? — perguntou a Therezinha.

— Sempre és muito patéta! — respondeu o Joaquim — então a avó ha-de contar o que já contou n'outro dia?

— Bem, bem — atalhou a snr.^a Maria — nada de rabujices, nem questões, meninos.

Hoje é a historia do alcaide de Coimbra.

— Que é isso, avó? — interrompeu o Manuel.

— E' como quem dizia governador, n'aquelles tempos antigos.

— Eu cá já fui a Coimbra — declarou o Chico, que tinha quatorze annos já, mas era pouco intelligente.

— Reinava então em Portugal um rei chamado D. Sancho II, que vinha a ser neto ou bisneto do D. Affonso Henriques.

— Os reis nunca tinham nomes como a gente tem? — perguntou o Manuel.

— Tinham, filho; olha que até houve um grande rei chamado Manuel.

— Ainda bem! — exclamou o Manuel, radiante.

— Lá por o tal rei ser um tamanhão, não cresces tu nem uma pollegada — disse o Chico a rir.

— Eu disse que elle foi um grande rei, Chico, mas não quer isso dizer que elle fosse alto — continuou a snr.^a Maria — é como quem diz que elle fez muita coisa de geito, muita coisa boa, percebes?

— Lá isso é outro cantar — respondeu o Chico.

— E houve algum rei Joaquim? — perguntou o Joaquim.

— Não, meu filho; houve Manueis, Joões, Pedros e Affonsos a dar com um pau.

Mas vamos á historia de Martim de Freitas, o fiel alcaide de Coimbra.

Reinava, pois, D. Sancho II, um rei muito infeliz a quem não faltaram desgostos, coitado.

Depois de muitas desgraças que lhe aconteceram, lembrou-se o irmão de se metter ás bulhas com elle; e bulhas foram ellas que o pobre do rei chegou a vêr-se abandonado de todos e retirou-se para Hespanha, tão desgostoso estava de tudo.

— Então porque não tinha elle ninguem por si? — perguntou o Joaquim.

— Ora eu sei cá; talvez porque o irmão soube enfei-

tiçar aquella gente toda e lá os convenceu que o D. Sancho não tinha geito para governar.

— E ninguém lhe foi fiel? — tornou o Joaquim.

— Um dos seus dedicados amigos foi justamente Martim de Freitas, leal e fiel até á morte. Quando o D. Sancho se retirou para Hespanha, o irmão não quiz saber de mais nada: tomou conta do governo de Portugal e todos os governadores lhe vieram entregar as chaves das cidades.

— Então as cidades eram fechadas á chave? — perguntou a Therezinha espantada.

— Pois então não te lembras que até havia as taes portas muito grandes. . . — acudiu o Manuel.

— E que o Martim Moniz se atravessou na de Lisboa? — interrompeu o Joaquim.

— E' verdade! é verdade! — exclamou a Therezinha.

— Mas Martim de Freitas, que era alcaide de Coimbra, guardava as suas chaves com grande amor e cuidado; e quando veiu a ordem d'elle as entregar ao irmão de D. Sancho, declarou que só ao seu rei D. Sancho elle as entregaria, visto que da sua mão as recebêra.

— Fazia elle muito bem — disse o Joaquim.

— Tambem, que ideia a do outro se metter a tirar o logar ao irmão — observou o Manuel.

— Pouco depois — continuou a avó — lá morreu em Hespanha o pobre D. Sancho; e o novo rei de Portugal ficou sendo D. Affonso III.

— Pois para castigo, não devia ser rei — disse a Therezinha.

— Mas o bom do Martim de Freitas é que não entregava as chaves de Coimbra nem a pau!

Quando lhe disseram que morrera o D. Sancho, cuidou que era pêta.

— E não admira nada que cuidasse — disse o Manuel.

— Resolveu então metter-se a caminho da Hespanha, e ir lá vêr com os seus olhos o rei morto. Foi-se andando, andando, até que chegou a uma terra hespanhola chamada Toledo; e ahi vae elle direito ao tumulto onde diziam que estava o rei D. Sancho.

— Quem sabe lá se era elle ou outro que estava dentro do caixão? — disse o Chico rindo.

— Ah, mas é que Martim de Freitas não se contentou com a vista do sepulcro. Mandou que o abrissem, que levantassem a tampa do caixão, e só então se convenceu que o seu querido rei morrera!

— Teve muita pena, avó? — perguntou a Therezinha.

— Ajoelhou ali mesmo, chorou, rezou; e n'isto tira do bolso umas grandecissimas chaves de ferro. . .

— Eu aposto que adivinhei que chaves eram essas! — exclamou o Joaquim.

— Pois decerto que adivinhaste: eram as chaves da cidade de Coimbra.

Pegou n'ellas com respeito, encaixou-as nas mãos já hirtas do rei morto, e depois d'essa cerimonia levou-as outra vez comsigo.

— E a quem ia entregal-as? — perguntou o Manuel.

— Foi entregal-as ao novo rei, como era o seu dever, visto que o D. Sancho tinha morrido.

— Oh avó, se todos os amigos de D. Sancho tivessem sido leaes como Martim de Freitas, talvez que elle nem tivesse ido para Hespanha, pois não? — perguntou o Joaquim.

— Quem sabe, meu rapaz, quem sabe. . . — e com isto acabou a tarde, e a pequenada correu a desenferujar as pernas.

D. Nuno Alvares Pereira

— A historia de hoje tambem lhe ensinou o snr. Herculano, avó? — perguntou o Joaquim.

— A de hoje, menino, é a d'um moço de quem muito gósto, valha a verdade; mas sempre te digo que a não ouvi ao snr. Herculano: li-a bastas vezes n'um livrinho que me deu o snr. conego e que era nem mais nem menos que uma *Historia de Portugal*.

A's vezes aos serões, como se me cançavam os olhos de estar sempre a costurar, punha-me a lêr; de modo que um dia o snr. conego, que me viu andar que tempos a lêr a *Prinçeza Mangalona*, trouxe-me o tal livrinho.

— Eu o que admiro é vossemecê não esquecer tudo, snr.^a Maria — observou o Chico.

— Que cabeça a sua, ti'Maria! — disse o Miguel.

— Vossemecê andou na mestra sempre sempre? — perguntou a Monica com interesse.

— Qual mestra! — respondeu o Joaquim — quando a avó andava na mestra, aposto que 'inda não sabia nada d'isto, pois não?

— Quem mais puxou pela minha cabeça, rapazes, foi lá o snr. conego, mais o snr. Herculano, que era todo amigo de historias d'estas.

E depois como viam que eu morria por ouvir-as...

— E' como a gente! — disse o Manuel.

— Mas vamos a começar que já não é sem tempo. Hoje é a historia de D. Nuno Alvares Pereira.

Por esse tempo em Portugal, não havia rei; o ultimo tinha morrido sem filhos, e como a filha era casada com um hespanhol, ninguem por cá a queria para rainha, com medo que fosse tudo parar á Hespanha.

Mas como havia um principe muito parente do rei morto, que era um principe d'alto lá com elle, e portuguez dos quatro costados, muita gente o queria para rei.

Ora o maior amigo d'esse principe era um moço muito valente, muito esperto, muito leal, chamado D. Nuno Alvares Pereira: o principe D. João e elle eram como dois irmãos.

O bom do D. Nuno amava a sua terra como um doido, desde muito menino. Um dia, era elle rapazote, n'um jantar em que estavam uns fidalgos hespanhoes, lembraram-se os marotos de dizer mal de Portugal, assim como que a fazer pouco: o D. Nuno levanta-se, pega na mesa... e vira-a de pernas ao ar!

— Ai que graça, avó, que graça! — exclamou o Joaquim batendo as palmas.

— Para graças é que elle não era! — disse o Chico.

— Os hespanhoes eram embirrentos com a gente — observou o Manuel — e afinal nunca levavam a melhor.

— Ora os hespanhoes teimavam em querer que a tal princeza portugueza fosse rainha; o que elles queriam era vir para cá com pésinhos de lã, está-se a vêr!

Mas o principe D. João, mais o D. Nuno, mais uma quantidade de portuguezes bons, tudo marchou contra os hespanhoes á valentona.

A hespanholada toda vinha a cavallo e até peças traziam, coisa que por cá não havia; mas de nada lhes valeu, que não levaram a melhor.

— Bem feita — disse o Joaquim.

— E' p'ra que saibam — acrescentou o João Francisco.

— Mas os malditos — continuou a avó — nem por isso desistiam!

Houve então ali para os lados de Leiria, uma batalha medonha, a batalha d'Aljubarrota.

O bravo D. Nuno Alvares Pereira, rodeado de rapazes novissimos e cheios de coragem, marcharam contra os outros; e iam tão contentes, tão animados, que haviam de vencer á fina força!

— Iam a cavallo? — perguntou o Joaquim.

— Nem todos, isso sim! fartavam-se muitos de estar a pé; mas com as suas lanças espetadas e a sua loucura de vencer, quem podia ser mais forte que elles?

E olhem vossemecês que nós eramos uns oito mil, emquanto os outros passavam de trinta mil!!

— Não ha gente como a nossa! — exclamou o Joaquim, como se lhe coubesse um pouco da gloria d'Aljubarrota.

— A batalha d'Aljubarrota foi uma coisa de espantar (até se lá fez uma igreja que é a mais linda de Portugal); e foi desde essa grande batalha que o principe D. João ficou sendo o rei D. João I, chamado o de Boa Memoria.

E o certo é, meus meninos, que quem o poz no throno foi o grande D. Nuno Alvares Pereira!

— Porque correu com a hespanholada que foi um gosto! — acudiu o Joaquim a rir.

— Pois 'stá visto, rapaz. E nunca houve batalha que Nun'Alvares perdesse; a sua valentia era tanta, que parece que a pegava de chofre a quantos iam com elle. Com elle á frente, tudo se vencia!

De maneira que por todo o reinado de D. João I, as guerras eram sempre victorias para os portuguezes, logo que o condestavel D. Nuno Alvares Pereira ia á frente d'elles.

Isto de condestável é como quem diz: mais ainda que um general.

— Quem pagava tudo eram os hespanhoes — observou o Joaquim esfregando as mãos de contente.

— E quem os mandava metter cá o bedelho? — observou o Manuel.

— Ora — tornou a avó — depois de apanharem umas poucas de surras valentes, dadas por D. Nuno Alvares Pereira, metteram-se a descançar um pouco; e a fama da coragem de Nun'Alvares foi-se espalhando por toda a parte como um foguete.

— Já quando foi da mesa, elles viram que D. Nuno Alvares Pereira era um espirra-canivetes! — observou o Joaquim a rir.

— E onde é a tal igreja que se fez n'essa occasião? — perguntou a Therezinha.

— E' n'um sitio que se ficou chamando a Batalha; e por causa d'essa igreja vos vou contar outra historia muito linda, que me leu o snr. Herculano.

— Eu gostava de saber mais coisas do Nun'Alvares — disse o Joaquim.

— Tambem eu queria contar-t'as, rapaz; mas para isso vae á *Historia de Portugal* e lê com o teu vagar, pois foi um dos maiores portuguezes que houve! Lealdade, valentia, esperteza e coragem, tudo isso elle teve sempre p'la vida fóra; ninguem melhor que elle soube defender a nossa Patria dos hespanhoes!

— Gosto immenso d'elle, avó — declarou o Joaquim com enthusiasmo.

Affonso Domingues

— E' hoje que a avó conta a tal historia da igreja da Batalha? — perguntou a Therezinha.

— O meu pae diz que já foi ao convento da Batalha, snr.^a Maria — disse o João Francisco.

— Que foi elle lá fazer? — perguntou a boa velha.

— Andou a trabalhar de pedreiro — respondeu o rapaz — enquanto se concertavam pedras lá dentro da igreja.

E elle diz que é tão linda por dentro que até a gente nem tem vontade d'abrir bico quando lá está. Mette um respeito! . . .

— Pois eu, com pena minha, nunca lá fui — disse a snr.^a Maria — Mas p'lo que tenho ouvido contar, aquillo é n'alguns sitios como uma renda fina feita em pedra! e por dentro sobem aquelles troncos de pedra, sobem, sobem, sobem, como se quizessem chegar ao céu!

— Eu cá nem posso pôr na ideia como seja, avó! — disse o Joaquim, pensativo.

— O rei D. João I, todo cheio de alegria depois da batalha d'Aljubarrota, quiz logo mandar fazer ali mesmo uma igreja que fosse uma maravilha.

Mandou vir homens e mais homens. Uns, que eram artistas mesmo proprios de fazer igrejas; outros, pedreiros que trabalham tão bem na pedra como se fôsem rendeiras a trabalhar com bilros, outros, que faziam uns desenhos de torres, de enfeites, de janellas, que era mesmo uma lindeza.

E toda essa gente metteu mãos á obra, e aquillo ia de vento em pôpa.

Um dos principaes era um inglezorio (lá o nome d'elle é que me não ficou, valha a verdade); e o homem sabia de tudo o que eram desenhos e feitos, e arrebiques para aqui, e torres para acolá. Mas uma coisa muito custosa de fazer era um tecto grande, a modo abahulado, todo em pedra, e sem columnas a sustentar.

— Cahia tudo com certeza — disse o João Francisco.

— Deus me livre de lá estar debaixo — observou a Therezinha.

— Chamava-se a esse tecto assim grande e abahulado uma *abóbada* — tornou a snr.^a Maria.

— Abóbora?! — perguntou o Chico espantado.

— Abóbora me parecees tu — riu o Joaquim.

— *Abóbada* — continuou a snr.^a Maria — assim me disse o snr. Herculano. E o caso é que lá para uma sala onde haviam de se juntar os frades a tagarellar, e que se chamava a sala do Capitulo, era preciso fazer uma *abóbada* assim. Ora o inglezorio que era quem dirigia tudo, ficou com a cara á banda, pobre do homem, quando depois da obra acabada, zás, trás, tudo cahe no meio do chão!

— E estava alguem debaixo? — perguntou a Therezinha afflicta.

— Como não tinham grande certeza na obra, tinham todos sahido a tempo.

Mas quem não ficou nada contente, foi o rei, foi o Nun'Alvares, e foi toda aquella gente.

Ora havia ali um velho cego chamado Affonso Domingues, um santo homem, coitado, que antes de cegar, era quem dirigia os trabalhos; e como era muito sabedor n'aquillo de construir egrejas e *abóbadas*, o seu desejo era

que lhe entregassem a elle aquella grande obra, embora os seus pobres olhos já não vissem.

Mas quem fallasse no Affonso Domingues ao outro? Ficava que nem uma bicha; porque torna e porque deixa, mas lá o cego é que não se havia de metter a fazer o tal tecto.

—Era bem feito sabem o quê? Que o inglez tivesse ficado debaixo do tecto feito por elle — interrompeu o Miguel.

—Pois já vão vêr o que succedeu—voltou a snr.^a Maria.

—O bom do Affonso Domingues, quando viu que estavam todos desesperados e a tal sala do Capitulo não era mais que um montão de pedregulhos, foi-se ter com o rei e fez-lhe uma fala.

Não lhe disse mal do inglez nem foi para lá mexericar; mas o que lhe disse foi: «Ora entregae-me vós aquella obrinha; eu sei tão bem como aquillo se faz! E até peço o seguinte: que depois da obra feita, me deixem lá ficar tres dias e tres noites sem ninguem lá pôr pé; e verão todos que nem uma só pedrinha cahe do tecto!»

—Ai, eu cá Deus me livre lá ficar, por sim por não — disse a Therezinha.

—O rei, que estava todo desconsolado com o inglez, não quiz dizer que não ao Affonso Domingues. E pensou lá de si para si: «O outro não conseguiu, quem sabe se este consegue?»

—Ainda bem que o rei era esperto e bom — observou o Joaquim.

—O Affonso Domingues não quiz ouvir mais nada; chama pedreiros, entrega-se áquillo, e a obra fez-se emquanto o diabo esfrega um olho.

Quando estava tudo prompto, o inglez olhou de revez para o tecto e resmungou: «Pois sim, vae-te com essas, está aqui está tudo no meio do chão.»

Mas o bom do Affonso Domingues mette-se lá dentro, sósinho, manda fechar a porta, e pede que o deixem dia e noite, para verem se a abóbada cahia.

— Coitadinho, e quem lhe dava de comer? — perguntou a Monica.

— Pois ahi é que está — respondeu a snr.^a Maria — e já vossemecês vão vêr.

Ao cabo de tres dias e tres noites, correram todos á sala do Capitulo: lá estava o Affonso Domingues; e a abóbada tão firme, tão bem construida, que ainda hoje lá está!

— Ai que alegria! — gritou o Joaquim batendo as palmas.

— Mas o pobre do velho é que não pode resistir á fome e á sêde, coitadinho; rodeado do rei e de todos, mas com a alegria de vêr a sua grande obra realisada, Affonso Domingues morreu, ali mesmo na sala do Capitulo!

— Mal empregado, um homem assim morrer de fome! — observou o Manuel.

O Infante D. Henrique

O espanto da snr.^a Maria n'aquella linda tarde d'Agosto foi enorme, ao vêr approximar-se com a pequenada toda um rapaz alto, que ella a principio não conheceu.

— Quem virá de visita ao meu Zé? — pensou ella — a petizada é que fica sem cavaqueira. — Mas de repente reconheceu no visitante o snr. José Manuel, professor da escola, e o seu espanto ainda mais augmentou.

— Ora viva a snr.^a Maria — disse o professor, estendendo-lhe a mão com sympathia e deferencia.

— Deus o salve, snr. José Manuel; que bom vento o traz a esta casa? — respondeu sorrindo a snr.^a Maria.

— Vem ouvir com a gente! Vem ouvir a avó! — gritaram contentissimos o Joaquim e o Manuel.

— Se a snr.^a Maria me não põe fóra. . . — acrescentou o professor, não ousando ainda sentar-se.

— Ora valha-me Nossa Senhora, minha madrinha! Sabem vossemecês o que é *ensinar o Padre Nosso ao vigario?*

— Está enganada, snr.^a Maria — respondeu o snr. José Manuel muito serio — a snr.^a Maria tem uma maneira tão simples de contar os assumptos uteis e interessantes aos pequenos, que eu venho aprender comsigo, pode crêr. — E com isto o snr. José Manuel puxou d'um banco e installou-se entre o Joaquim e o João Francisco.

— Bem — disse a snr.^a Maria — se vossemecês todos gostam d'ouvir, não me faço tola; vamos a isso.

— De que vae fallar hoje, snr.^a Maria? — perguntou o professor.

— Não julgue vossemecê que é uma sabichona a fallar, snr. José Manuel; isto são coisas de que me lembro e que julgo serem verdadeiras na nossa linda Historia. E por isso...

— Vamos, avó, qual é o grande portuguez de hoje? — interrompeu o impetuoso Joaquim.

— Hoje lembrava-me fallar-lhes d'um homem que teve uma grandecissima importancia na vida dos portuguezes; foi quem lhes abriu a porta para as grandes descobertas que depois fizeram. Isto é como quem diz quem os influiu, quem os ensinou, quem lhes mostrou o que havia a fazer; emfim...

— Quem foi, avósinha? — perguntou o Manuel.

— O Infante D. Henrique; o grande Infante D. Henrique!

Ora o bom rei D. João I...

— Era o amigo de D. Nuno Alvares Pereira — acudiu o Joaquim.

— O sabichão quer-se fazer valer — observou o Manuel.

— Como eu ia dizendo — tornou a avó — o rei D. João I teve um rancho de filhos; ai, santo Deus, que rapazes aquelles!

— Eram bons? — perguntou o João Francisco.

— Uma belleza, menino! E qual d'elles o melhor, louvado seja Deus.

O mais velho, homem estudioso e sabio, chamava-se D. Duarte e foi depois rei. O segundo, o infante D. Pedro, era um homem como ha poucos 'inda hoje; que juizo no seu pensar, que bondade no seu coração, que intelligencia na sua cabeça!

—Bravo, snr.^a Maria — observou o professor — fez um lindo retrato do infante D. Pedro; é preciso que vocês o não esqueçam, pequenos.

— São os seus bons ouvidos, snr. José Manuel — respondeu, sorrindo satisfeita, a snr.^a Maria — pois como eu dizia, seguia-se ao snr. D. Duarte, o infante D. Pedro, depois o infante D. Henrique e depois o mais novo, que era o infante D. Fernando.

— Desculpe-me, snr.^a Maria — interrompeu o professor, — mas ainda esqueceu o infante D. João, não sei se sabe.

— Pois olhe vossemecê que d'esse é que eu não sabia! e muito lhe agradeço que me diga o que eu não sei, snr. José Manuel.

— A avó disse que o D. Henrique é que era o de hoje — disse o Joaquim, impaciente.

— Sim, menino, vamos a isso. Mas antes de começar com o D. Henrique, sempre vos direi que ao infante D. Fernando até se chamou o Infante Santo, tão grande era a bondade d'aquella alma! Estando preso lá para as Moiramas, n'uma terra chamada Fez, os mouros disseram que só o soltavam se os portuguezes lhes entregassem umas terras que lhes tinham tirado a elles, percebem?

Mas quando o bom do Infante tal soube, não quiz de modo nenhum que a sua terra ficasse empobrecida por causa d'elle; e lá morreu nas negras prisões da Moirama!

— Isso é que era amor á sua terra! — observou o Joaquim.

— Queria-lhe mais que a si mesmo — disse o João Francisco.

— O infante D. Henrique — tornou a avó — era, como os irmãos, uma cabeça d'alto lá com ella.

Tinha já andado em guerras com os mouros, tinha ido á tomada de Ceuta.

— Seria essa uma das taes terras que se haviam de dar pelo Infante Santo, avó? — perguntou o Manuel.

— Pois acertaste, filho. O certo é que não lhe faltava nem coragem para emprehender coisas, nem valentia para guerrear, nem uma grandecissima intelligencia para tudo.

Havia muito que elle pensava nas viagens por esses mares fóra, esses mares por onde ninguem se aventurava, que ninguem conhecia, e que mettiam um respeito e um medo, que era de fazer tremer até os mais valentes.

— Eu cá 'inda hoje tenho um medo que me fino — disse a Therezinha.

— Pudera não! — troçou o Joaquim.

— Deixa estar, Joaquim — observou o Miguel — que se tu visses as ondas do mar na praia da Nazareth onde o meu tio é pescador, já te não rias da Thereza!

— E tens muita razão, Miguel — disse a snr.^a Maria — que o mar ali é mesmo de metter medo! E quantos homens lá morrem, coitadinhos, n'aquella lucta com as ondás... Pois o infante D. Henrique tinha só uma ideia a trabalhar-lhe na cabeça: olhava para o mar e scismava, scismava, scismava... Até que um dia resolveu-se a ir até ao Algarve, e n'uma terra chamada, chamada... ai valha-me Deus, que cabeça a minha...

— Sagres — acudiu risonho o snr. José Manuel.

— Muito agradecida, snr. José Manuel; o diacho do nome fugira-me da lingua.

Pois foi-se até Sagres, que é mesmo n'uma pontinha de Portugal, e resolveu-se a fazer ali uma escola para aprenderem as artes da navegação.

— Como era isso, avó? — perguntaram os pequenos cheios de interesse.

— Era uma escola onde os rapazes estudavam tudo o que dizia respeito á navegação; as cartas feitas p'los antigos, os livros de viagens, os escriptos e mappas de toda a especie, os arranjos das vellas e das naus, e eu sei lá que mais!

O Infante era a alma d'aquella escola; dava p'ra lá dinheiro a rôdos, mandava vir mestres de fóra, e dedicava-se áquella grande ideia da navegação, como ao maior gosto da sua vida.

Nunca se casou, nem quiz saber de bailes e festas; a sua grande cabeça só pensava na conquista do mar pelos portuguezes.

Tão boa era a escola de Sagres, tão bons os ensinamentos dos mestres, e tão perfeitos os conselhos do Infante D. Henrique, que um bello dia, n'um barco de vella, que era quasi uma casca de noz...

— Com uma grande chaminé, como um que eu vi passar no mar? — interrogou a Monica.

— Qual chaminé, n'aquelle tempo não havia vapores; eram uns simples barcos de vella, que se chamavam caravellas. E lá se vae um punhado de valentões pelo mar fóra!

Nem já pensavam no perigo; nem se lembravam sequer das historias medonhas que em terra se contavam a respeito dos fantasmas do mar! Iam seguindo, cheios de coragem e de enthusiasmo, como uns valentes que eram.

E o que vos digo, meus filhos, é que d'ali a pouco tinham os portuguezes descoberto a ilha da Madeira, tão rica e tão linda; as ilhas dos Açôres, que ficam lá para cascos de rolhas, no meio do mar; e uma quantidade de terras, p'la costa d'Africa adeante!

—E tudo isso ficou pertencendo á gente? —perguntou o João Francisco.

— Pois então! E tudo isso, menino, era o resultado dos estudos, dos esforços d'um grande portuguez!

D'ahi por deante foram-se sempre seguindo as grandes descobertas feitas pelos portuguezes; e eram sempre outras tantas riquezas para a nossa terra, está bem de vêr.

Estava feita a conquista do mar!

— Muito bem, snr.^a Maria — disse o professor — estou encantado com a sua historia, pode crêr!

— Que bom! Que bom! — exclamou o Manuel, beijando a avó soffregamente.

— E com isto acabou-se a palestra de hoje — declarou a snr.^a Maria quando conseguiu soltar-se dos abraços do Manuel — vamos todos ceiar, que já não é sem tempo.

— E viva o Infante D. Henrique! — concluiu o Joaquim abrindo a marcha para a ceia.

D. Duarte d'Almeida

— Oh avó — começou a Therezinha no domingo seguinte — os portuguezes d'antes nunca nunca estavam sem guerras?

— Bem vê's tu — respondeu a snr.^a Maria — que aquillo era como se tu tivesses um pedacinho d'horta cá na aldeia, a que tivesses muito amor; e vae o visinho da direita e entra p'la tua horta dentro. . .

— Murro no visinho! — exclamou o Joaquim a rir.

— Vae o visinho da esquerda, rouba-te umas couves. . .

— Pontapé te valha! — acudiu o João Francisco.

— Vae um outro, deita abaixo o teu muro. . .

— Sôccos p'ra á frente! — gritou o Manuel.

— De maneira — continuou a avó a rir — que se tu não te defendesses, estava aqui estava a tua horta nas mãos dos visinhos, percebes?

— Ainda bem que agora — suspirou com prazer a Therezinha — parece que os visinhos já se acostumaram á horta e não se mettem por ella dentro. . .

— Mas muito custou, menina — respondeu a snr.^a Maria abanando a cabeça — e tempo houve, mau grado nosso, em que os visinhos ali da snr.^a Hespanha se metteram cá, e por cá ficaram bastantes annos.

— Que raiva! — exclamou o Joaquim indignado.

— Pois é como vos digo, infelizmente. Mas isso ainda vos não conto hoje.

—E o que vae contar, snr.^a Maria?—perguntou o Miguel.

—Lembro-me da historia d'um alferes que se chamava D. Duarte d'Almeida e que foi um grande portuguez; vocês verão.

—Que lindas historias vossemecê nos conta!—observou o Joaquim, sorrindo cheio de prazer e interesse.

—Aconteceu n'esse tempo que o rei portuguez D. Afonso V andava em grandes turras com o rei hespanhol D. Fernando.

A razão d'essas zangas eram em parte por causa d'uma tal princeza D. Joanna, que vinha a ser sobrinha do rei portuguez, e que devia, no dizer d'uns, ser rainha de Hespanha, no dizer d'outros, não. Mas n'isso não me metto eu.

O que vos sei dizer, é que portuguezes e hespanhoes metteram-se á bulha e já ninguem se entendia. Houve uma batalha medonha que só acabou noite cerrada e que se chamou a batalha de Tóro.

—Nós é que ganhámos, já se vê?—perguntou o Joaquim.

—Ora, filho, muito me peza dizer-te que não...

—Sabe vossemecê porque não ganhámos?—interrompeu o Joaquim com vehemencia—porque não tínhamos o D. Nuno Alvares Pereira a commandar as tropas!

—Lá d'isso não sei, filho; mas olha que lá tinham o principe D. João, filho do rei, a quem depois chamaram o Principe Perfeito, e que era um rapaz de truz.

Mas vamos ao meu alferes D. Duarte d'Almeida. A batalha ia acirrada que era um horror; morriam homens aos magotes, cahiam para aqui, tombavam para acolá, uma coisa medonha.

Mas a nossa bandeira, levada pelo alferes D. Duarte d'Almeida, estava nas mãos dos portuguezes, que a defendiam quanto podiam.

— P'ra que defendiam assim uma bandeira? Aquillo não é mais que um trapo — observou o Chico.

— Rapaz — ralhou severamente a snr.^a Maria — não sabes o que dizes. A bandeira representa a Patria, fica sabendo; é um trapo, é, mas um trapo sagrado que a gente respeita. Quem ande lá por terras extranhas e veja algures a sua bandeira, logo ha-de sentir como que se visse ali mesmo a sua rica terra, representada n'aquelle trapo! Mais tarde entenderão isto melhor.

— Eu cá já entendo — declarou o Joaquim serio e convencido.

— Pois o grande empenho dos hespanhoes era aposar-se da nossa bandeira; que toleima não seria depois a d'elles, possuir a bandeira conquistada aos portuguezes!

Atirando-se ao bravo D. Duarte, que a tinha fincada na mão esquerda, vae um hespanhol e corta-lhe o braço esquerdo.

— Ai que dôres! — gritou a Therezinha.

— E cahiu a bandeira? — perguntou o Manuel, ancioso.

— D. Duarte agarra-a com a mão direita e segura-a com mais força ainda...

— Coitadinho... — suspirou a Monica.

— Vem o hespanhol e corta-lhe o braço direito!

— Meu Deus, que horror! — exclamou o Joaquim.

— E este valente, este heroe, péga na bandeira com os dentes e cahe meio morto sobre os joelhos...

— Ai avó, até me faz chorar... — e o Joaquim escondeu a cara nas mãos.

— Mas n'isto vieram mais hespanhoes ainda ataca-o;

e a nossa bandeira foi arrancada dos dentes do bravo alferes moribundo!

— Que raiva! — exclamou o Manuel.

— Perdemos essa batalha, sim, mas não foi porque houvesse falta de valentia — disse o Joaquim com força.

— E assim se ficou chamando ao grande alferes: D. Duarte d'Almeida, o Decepado — terminou a snr.^a Maria.

Bartholomeu Dias

— Cá estou no meu posto, snr.^a Maria!—exclamou todo risonho o professor.

— Ora p'ra onde lhe havia de dar, snr. José Manuel; vir ouvir as tagarellices da velha!— respondeu ella rindo.

— Oh avó— disse o Joaquim, chegando a correr— estamos tão mortos pela sua historia, que nem acabamos de jogar ás pedrinhas.

Qual é o homem de hoje?

— Hoje vamos a vêr se lhes conto coisas do Bartholomeu Dias, o grande navegador.

— Do tempo dô Infante?— perguntou o Manuel.

— Seguiu-lhe as pégadas, menino, mas de que maneira!

— Agora que o Infante lhes metteu a mania no corpo, todos se deitam a navegar— observou o João Francisco.

— Lá a mim— disse o Chico— nem que viessem todos os infantes do mundo, p'ró mar é que eu não ia; cruze!

— Tu e a Thereza bem se podem casar— opinou o Joaquim cheio de desdem.

— Bem— interrompeu a avó— se acabaram, começo a minha historia; valeu?

Já vejo que sim— continuou com um sorriso— Pois, meus filhos, depois que o grande Infante tinha dado aquelle impulso ás navegações e influira a nossa gente d'aquella maneira, os portuguezes já não pensavam senão em descobrir terras e mais terras.

Ora o rei era justamente aquelle D. João a quem chamaram o Principe Perfeito, lembram-se?

— Vossemecê ainda não falou d'elle — respondeu o Manuel.

— Falou, sim, senhor — acudiu o Joaquim — disse que elle estava na batalha de Tóro, onde o alferes segurou a bandeira com os dentes!

— Bravo, Joaquim! — aprovou o professor.

— Pois as navegações e as descobertas eram para o rei D. João II o maior gosto da sua vida. Não pensava n'outra coisa.

E tamanho era o seu gosto, que mandou aparelhar uma nau, muito maior que as caravellas do infante D. Henrique e toda cheia de vellas, cada uma com uma grande cruz encarnada ao meio.

Para commandar essa grande nau, chamou D. João II, Bartholomeu Dias; homem cheio de esperteza e de coragem que se encheu d'immensa alegria!

— Para onde queriam elles ir? — perguntou o Manuel.

— A grande ideia de todos, como quem diz, o sonho dourado, era chegar á India por mar; pois que até ahí só por terra e levando mezes, mezes e mezes, é que se conseguia lá chegar.

Mas que perigos iam estes valentes encontrar, lá por mares desconhecidos e cheios de mysterios para elles...

Comtudo, nada lhes diminuia a alegria em que andavam e a fé que haviam de descobrir o caminho da India.

Foi pois com a esperança alegre de todos que a nau de Bartholomeu Dias, de vellas 'enfunadas ao vento, partiu de Lisboa.

— Andarem de noite por mares que não conheciam, credo... — murmurou a Therezinha.

— Eu cá nem de dia — concluiu o Chico.

— Para uma parte da costa d’Africa, ’inda elles tinham indicações e cartas, por isso iam como quem bem conhecia o caminho.

Resolveu então o Bartholomeu Dias ir seguindo pela costa d’Africa abaixo, sempre com a terra p’la esquerda.

— Amanhã na escola — interrompeu o professor — mostro-vos o mappa da Africa, e vamos vêr bem a viagem de Bartholomeu Dias.

— Que bom! — applaudiu o Joaquim.

— Assim, foram descendo pela costa abaixo, e a costa parecia não ter fim! Pudera! A tal Africa dizem que é milhares de vezes maior que o nosso Portugal, imaginem vossemecês.

Passaram-se dias, semanas e mezes, e elles sempre a vêr a terra p’la esquerda.

Até que um dia, ao amanhecer, Bartholomeu Dias vê que já não teem terra pela esquerda! e que a costa da Africa acaba ali mesmo, n’um grande cabo que é como uma ponta de terra que entra p’lo mar dentro.

— Ao pé da Figueira da Foz ha uma montanha que entra p’lo mar dentro — observou o João Francisco — e chamam-lhe o Cabo Mondego.

— Pois este cabo ao fim da Africa era muito maior ainda que o Cabo Mondego.

Bartholomeu Dias, todo contente de chegar ao fim da Africa, foi virando com a sua nau em redor da terra; assim se chama dobrar o cabo.

Depois de chegar ao outro lado, ia cada vez mais convencido que a India já não estava muito longe e que aos portuguezes é que cabia a gloria de descobrir o caminho p’ra lá.

Assim ia a nau navegando que era um louvar a Deus; e embora passassem tormentas e temporaes, que era isto para marinheiros como os nossos?

Mas apesar d'isso, a marinhagem estava cansada; tantos mezes a comer mal, a rapar frio, a viver em tormentas e canceiras. . .

Entendiam elles que dar a volta á Africa já era uma grande coisa; e á fina força queriam voltar para Portugal.

—Que mônos — resmungou o Joaquim.

—Eu queria ver-te lá — observou o Chico com o seu riso imbecil.

—Furioso com a marinhagem, Bartholomeu Dias fez por convencer aquelles homens; fallou-lhes na India, na alegria de lá chegar, nas terras que descobririam pelo caminho e muitas coisas mais. Mas qual! quem convencesse aquelles brutinhos?

Tiveram de voltar p'ra traz e chegar ao tal cabo na ponta da Africa.

Ai meninos, o que os esperava n'esse malfadado sitio!

Levanta-se uma tormenta de tal força, um vendaval, um mar medonho, uma tempestade, que a nau era como um cavaco a dançar nas ondas; e a marinhagem toda, encommendava a sua alma a Deus e tremia com a pena de morrer ali.

Tal pavor sentiam que lhes pareceu vêr ao Cabo o feitio d'um medonho gigante, com as barbas a tocar nas aguas, deitado todo pelo mar dentro!

—Ai avósinha, que horror! — gemeu a Therezinha.

—E no meio da tempestáde, julgam sentir, atravez dos trovões e das ventanias, uma voz horrenda a bramar contra o atrevimento d'elles, contra a ousadia dos portuguezes, contra a loucura de tal viagem. . .

— Mas era tudo da cabeça d'elles, já se vê? — interrogou o Joaquim, meio desconfiado.

— Dá-me licença, snr.^a Maria? — acudiu o professor — eu lhes explico o episodio do Adamastor, se querem.

— Era o que eu ia pedir-lhe, snr. José Manuel — disse a snr.^a Maria.

— Camões, rapazes, o grande poeta Camões, de quem a vossa avó lhes ha-de fallar uma d'estas tardes, escreveu um poema esplendido, contando as navegações dos portuguezes.

E quando descreve Bartholomeu Dias chegando ao famoso Cabo e a tormenta medonha que lá passam, conta que um gigante horrendo lhes tapava a passagem, estendido pelo mar fóra! Gritando com voz de trovão, disse chamar-se Adamastor...

— Adamastor... — murmuraram os pequenos meio apavorados.

— E rugindo, tentava dissuadir os portuguezes de avançar...

— Mas isso era tudo inventado, snr. José Manuel? — perguntou outra vez o Joaquim.

— E' claro que não estava lá gigante nenhum, Joaquim; e quando na manhã seguinte a tempestade acalmou, os portuguezes puderam vêr o grande Cabo, que pela segunda vez tinham dobrado, e a que chamavam já o Cabo Tormentorio.

Mas agora falla a vossa avósinha, sim?

— Cá estou, sim, senhor — acudiu sorrindo a snr.^a Maria.

— Vieram vindo por ali acima e mais depressa ainda que á ida.

— Pudera, já sabiam o caminho — interrompeu o Miguel.

— O desejo de vir dar á Patria a alegre noticia de terem chegado á ponta da Africa, parecia que lhes dava azas!

E o rei, quando ouviu da bocca de Bartholomeu Dias a historia da viagem, não quiz que se dêsse ao grande cabo o nome agourento de Tormentorio; desde esse dia ficou-se chamando para sempre o Cabo da Boa Esperança!

— Era a esperança de chegar á India! — concluiu o Joaquim.

Gil Vicente

— Como se chama o homem de hoje, avó? — perguntou o Manuel, antegosando já a narrativa pittoresca da snr.^a Maria.

— GANHOU batalhas? — acudiu o Joaquim.

— E' pena que elles andassem sempre em guerras — observou a Therezinha.

— Ora, de guerras é que eu gosto! — declarou o Miguel.

— Que homem é o de hoje, diga lá, avó — repetiu o Manuel.

— Hoje conto-lhes a historia de Gil Vicente — começou a snr.^a Maria — e lá de guerras é que não temos nada.

— Ainda bem! — declarou a Therezinha.

— Mas vossemecês vão gostar com certeza — continuou a avó.

— No tempo do rei D. Manuel I, havia em Lisboa um homem chamado Gil Vicente.

Ora tanto se gabava a graça que elle tinha a contar coisas, a fazer versos e a dizer historias chistosas, que essa fama chegou aos ouvidos da rainha; e embora ella estivesse de cama n'essa occasião, ou talvez até por ella se sentir adoentada e tristonha, o certo é que o Gil Vicente foi chamado ao paço e levaram-n'o direitinho ao proprio quarto da rainha, que p'los modos não desgostava de se distrahir um bocadinho.

— E o que é que elle fazia para elles se rirem? — perguntou a Monica.

— Assim que lá chegou, começou a dar os parabens á rainha, porque lhe tinha nascido um menino havia dias; depois mettia graças p'lo meio, falava d'uns, troçava d'outros, e isto tudo n'uma versalhada tão alegre, que ás duas por tres já a propria rainha se não tinha com riso!

— Que pandego! — disse o Chico a rir.

— Ora tamanho foi o gosto que elle deu á rainha, que logo lhe pediram para voltar outro dia e tornar a dizer aquillo tudo.

Mas o Gil Vicente é que não esteve para voltar á mesma lenga-lenga, embora tivesse tido tanta graça; e da outra vez que se apresentou no paço, começou a dizer coisas com mais pilheria ainda que da primeira!

— Mas que ideias que elle tinha! — observou o Joaquim.

— Assim se foi espalhando a fama d'elle, e com isto o bom do Gil Vicente cada vez inventava mais coisas novas, qual d'ellas a mais divertida.

E de que se ha-de elle lembrar? Mette-se a fazer umas farças, que eram da gente se escangalhar a rir; e uns *autos* religiosos, que eram assim como umas historias que elle e outros representavam ao vivo, percebem?

— Eu cá não entendi pio — disse o Chico.

— Olhem lá, vamos que a gente aqui queria representar a historia de Martim de Freitas; um de vocês fazia de Martim de Freitas. . .

— Havia de ser eu — declarou o Joaquim.

— Outro de D. Sancho, e por ahi fóra; depois fazia-se de conta que o D. Sancho estava morto, entregava-lhe o outro as chaves, e assim seguia a representação; não entendem, meus patetas?

— Agora, sim, avó — disse o Manuel.

— Ora o marôto do Gil Vicente lembrou-se de pôr nas suas farças todas as verdades que elle queria dizer ás pessoas e que por delicadeza não dizia, já se vê.

E tudo com uma graça!... Elle, a filha e mais um rancho de rapazes e raparigas, é que representavam tudo elles mesmos. Poucas eram as farças e os autos onde não houvesse troças ás pessoas que ali estavam; mas tudo sem melindrar nem ser maldoso, já se vê.

— Eu não percebo nada d'isso, avó — declarou a Therezinha desconsolada.

— Eu percebi! — gritou o Joaquim triumphante — e vou explicar para vêr se acertei. Se eu fizesse uma farçasinha d'alto lá com ella — e o Joaquim ria a bom rir — havia de lá metter uma pitôrra sempre com medo de tudo, toda piégas e cheia de mimo.

— Estupido! — exclamou a Therezinha quasi a chorar

— Ah, já entendes? — continuou o irmão a rir — tambem lá apparecia uma pessoa com o seu cabellino branco a falar muito bem, a contar coisas lindas...

— E' a avó! é a avó! — gritou o Manuel contentissimo.

— O teu auto havia de ter graça, rapaz — disse a snr.^a Maria com o seu riso bondoso — mas vamos aos do Gil Vicente, que teem muita mais importancia.

E' preciso que saibam, que até apparecer o Gil Vicente com os seus autos tão engraçados e que mostravam a muita esperteza de quem os inventava, não havia representações nenhuma, nem theatros.

— Eu cá, já vi representar a historia do Roberto — disse o João Francisco — mas eram bonecos aos guinchos em vez de pessoas.

— Pois como eu ia dizendo, o Gil Vicente foi o primeiro que se lembrou de escrever farças e autos para o theatro

portuguez; e tanto merecimento teem os autos que elle inventou, que ainda hoje, fiquem vossemecês sabendo, se representam em Lisboa!

—E ha quanto tempo é que elle morreu, avó?— perguntou o Joaquim.

—Ora, ha-de haver bons quatrocentos annos com certeza.

—Quatrocentos annos!!!— exclamaram todos

—E houve um grande sabio lá d'outras terras, chamado Erasmo, que até aprendeu a nossa lingua só para lêr os escriptos de Gil Vicente.

—Eu o que gostava— disse o Joaquim— era de vêr representar um dos taes autos.

—Ha uns muito lindos— continuou a avó— um que se passa no inferno...

—Ai Jesus!— gritou a Therezinha.

—Oh patétinha, aquillo era tudo inventado pelo Gil Vicente.

Ha um outro muito engraçado, chamado o auto da Mofina Mendes. Era uma moça que 'inda antes de vender a bilha d'azeite que tem á cabeça, já fez contas com o que ha-de comprar depois do azeite vendido; e n'isto, tanto baila de contente que a bilha cahe ao chão e o azeite vae para vêl-o-hemos!

—Essa é que era a Mofina?— perguntou o Manuel.

—E bem mofina que ella era!

N'este auto ha coisas muito lindas; apparece Nossa Senhora...

—A avó já viu?— perguntou a Therezinha.

—Isso é que não, com pena minha. Mas tudo isto me contaram lá por Lisboa, de modo que é quasi como se tivesse visto.

E tambem lhes quero explicar, rapazes, um dos maiores merecimentos do Gil Vicente e que bem concorreu para a fama d'elle ir por muitas terras fóra. Não julguem vossemecês que o valor dos escriptos de Gil Vicente estava só no chiste e na graça das farças e dos autos! E' que muitos d'aquelles ditos e d'aquellas observações eram ali postas de proposito para fazer vêr as asneiras d'uns, o amor ao dinheiro d'outros, e a toleima de quasi todos, percebem?

— Eu cá parece-me que sempre me metto a fazer a tal farçasinha chamada *A valentia da menina Thereza* — disse o Joaquim.

— Se cuidas que tens graça . . . — exclamou a Therezinha zangadissima.

— Pois fiquem-se com esta, meninos: Gil Vicente foi não só o creador do theatro portuguez, mas tambem quem teve a coragem de pôr a careca á mostra a muita gente . . .

— Conte mais algum auto, sim, avó? — pediu o Joaquim.

— Ai, menino, muito me ri tambem quando me contaram uma farça chamada, chamada . . . — e a snr.^a Maria procurava na sua velha memoria.

— Não se lembra, avó? — perguntou o Manuel.

— Eu sei que era a farça d'Ignez Pereira — disse a avó — mas tinha tambem o nome d'um rifão popular que me não lembra.

Aquillo é que tinha graça, rapazes! e chiste, e maganices como eu nunca ouvi!

A tal Ignez Pereira era uma serigaita que toda se abespinha com um noivo lavrador, pacatão e bom, chamado Pêro Marques.

— Pêro!! — gritou o Manuel á gargalhada.

— Sim, senhora. E no meio de muitos ditos engraçados, em que se mette a mãe d'ella, em que surge uma tal amiga

Lianor, apparece um outro noivo, mas esse todo peralvilho, tangendo viola e cantando cantigas. A pateta logo se encanta com o homem e casa com elle.

Mas depois do casamento, crêdo, aquillo é que foram ellas! O maroto era um brutinho, Deus me perdoe, e a boa da Iñez, tremendo de medo, fez-se mansa como um borreguinho!

— Que remedio! — disse o Joaquim.

— E depois? — perguntou o Manuel.

— Ora acontece que o homem vem a morrer, e a Iñez Pereira casa então com o Pero Marques, todo namorado d'ella e que estava sempre por tudo o que ella queria. Elle era estúpido, o pobre do homem; dizia cada palermice que era da gente se não ter com riso. E agora me lembro do tal rifão que pôz o nome á peça: *mais vale asno que me leve, que cavallo que me derrube*.

— Mas porque se lembrou o Gil Vicente do rifão? — perguntou o Joaquim.

— A historia é esta, filho: havia no paço uns certos invejosos, que andavam a espalhar que o Gil Vicente não tinha cabeça para inventar nada; que as peças não tinham novidade nenhuma e não prestavam.

— Se calhar eram hespanhoes — observou o Joaquim.

— Ná, não me parece. O Gil Vicente, que se encheu de zanga, pediu então á gente do paço que escolhesse um rifão qualquer, e elle faria uma peça a dizer com o dictado; percebem?

— Muito bem, não, avó... — murmurou o Manuel.

— Ai, meus patetas! Então o asno que levou a Iñez Pereira quem foi? Foi o Pêro Marques; e o cavallo que a derrubou, isto é, que a tornou mansa e infeliz, quem foi senão o outro?

— Já percebo, já percebo — exclamou o Manuel.

— Bem, vamos agora a saber uma coisa, para acabar: quem foi o creador do theatro portuguez?

— Gil Vicente! — gritaram todos em côro.

Vasco da Gama

—Ai snr.^a Maria — disse o Miguel n'aquella tarde — como os outros 'inda não vieram, sempre lhe quero contar o que foi hontem lá na escola!

— Conta, menino, anda lá.

— O snr. José Manuel estava todo satisfeito a mostrar um grande mappa; e lá vimos o caminho que seguiu o Bartholomeu Dias, sabe vossemecê?

E depois entrou a perguntar coisas da Historia; e quem sabia mais, sabe quem era? Sabe? — e o Miguel espreitava muito de perto os olhos da snr.^a Maria.

— Eras tu? — perguntou ella com malicia.

— Vossemecê está-se a rir de mim... Era o Joaquim!

— E que disse elle? — perguntou a snr.^a Maria com interesse.

— Ora, aquillo contou umas historias lindas, que a gente não sabia. E eram todas ensinadas por vossemecê. Havia então uma, d'um homem que se deixou entalar n'uma porta, para abrir caminho aos portuguezes, que essa até me fez arripiar!

— Olha, lá veem todos a correr; o snr. José Manuel não vem, pois não?

— Foi passar uns tempos á villa; só volta para o mez que vem para as aulas.

— Vamos, rapaziada, toca a sentar e a ouvir. E hoje temos a historia d'um homemzarrão! Este é que foi quem maior brado deu até ao seu tempo; e mesmo mais tarde, os

dois portuguezes que maior nomeada deram á nossa rica terra foram: Vasco da Gama e Luiz de Camões.

— De Camões já a gente ouviu alguma coisa, mas d'esse outro... — disse o Joaquim.

— Pois bom será que encaixem o nome d'elle para sempre n'essas cabeças, rapazes; porque ainda o grande Camões não tinha apparecido quando Vasco da Gama já dava que fallar em todo o mundo!

— Que fez elle então p'ra isso? — perguntou o João Francisco.

— Roma não se fez n'um dia, menino; lá chegaremos, ao que elle fez.

O rei D. João II tinha morrido; e como vossemecês se hão de lembrar, já em vida d'elle se pensava como n'um sonho lindo na descoberta...

— Do caminho para a India! — exclamou triumphante o Joaquim.

— Pois é isso mesmo, no caminho para a India. O rei que se seguiu ao Principe Perfeito, era D. Manuel; e tal qual como D. João II, D. Manuel tinha encasquetada a mania das descobertas.

Por isso tratou de mandar apparelhar umas naus, ainda melhores que a do Bartholomeu Dias; mas julgam vossemecês que era só uma? Eram bem umas tres, cheiinhas de apuros, com as suas lindas vellas de cruz encarnada.

Esta expedição era commandada por um fidalgo de muita estimação, Vasco da Gama; e a nau que elle commandava chamava-se a *São Gabriel*.

Postas as naus a caminho...

— E elles iam pela costa d'Africa, como o Bartholomeu? — perguntou o Manuel.

— A gente já viu no mappa — observou o Miguel.

— Iam p'lo mesmo caminho a principio; mas depois de passarem o grande cabo...

— Da Boa Esperança — metteu o Joaquim.

— E viram lá o tal gigante Adamastor? — perguntou o Chico apavorado.

— Aquillo foi tudo scisma! — explicou o Joaquim — com o susto parecia-lhes vêr e ouvir tudo quanto ha; e afinal lá estava o Cabo estendido pelo mar fóra, sem barbas nem nada — concluiu elle a rir.

— Voltado o cabo da Boa Esperança, começavam a seguir por mares desconhecidos.

O que elles passaram, louvado seja Deus! Chegaram a uma terra chamada Mombaça, onde uns mouros, depois de lhes mostrar doçuras e amabilidades, e de se apanhar nos navios portuguezes, se atiraram a elles como umas feras que eram, e aquillo foi uma matança d'arripiar, de parte a parte!

— Que gente tão falsa! — disse o Manuel.

— Felizmente nem todos eram assim; n'outras terras arribaram, onde os pobres pretos os recebiam com respeito e admiração.

Assim se iam passando mezes n'aquella grande e perigosa jornada.

Mais d'uma vez a marinagem tentou revoltar-se; mais d'uma vez a força de vontade de Vasco da Gama os obrigou a obedecer e a ir sempre p'rá frente, como deviam.

Um dia os marinheiros chegaram a ficar tão desesperados, que não havia quem os convencesse a seguir.

— Querem vêr que acontece como com o Bartholomeu Dias — observou o Joaquim.

— E tudo berrava e já ninguem se entendia. Mas Vasco da Gama não era para graças, não. Pegou em todos os

instrumentos da navegação, e até na propria agulha de marear...

— Que era isso? — interrogaram os pequenos a um tempo.

— Era lá uma certa agulha que lhes marcava onde ficava o Norte, o Sul, o Este e o Oeste, de maneira que assim sabiam p'ra que lado iam.

— Oeste é onde o sol se põe — declarou o Joaquim.

— E Este é onde elle nasce — disse o Miguel.

— Ora o Vasco da Gama, fulo com a marinagem, pega nos aparelhos, deita tudo ao mar, e grita: *Agora aqui só Deus é piloto!*

— Então é que iam ao Deus dará! — observou o João Francisco sorrindo.

— Ha quem diga que o esperto do Vasco da Gama tinha nova remessa de instrumentos, tudo muito bem guardadinho; mas isso é que eu não sei.

Depois tambem deu o escorbuto em alguns, coitados: é um diacho d'uma doença que dá por vezes a quem anda muito tempo a comer carne salgada; e sentiam-se bem cheiinhos de desanimo e convencidos que nem chegavam á India, nem voltavam a Portugal.

— Que desconsolo, coitados — disse a Moñica.

— Mas Vasco da Gama nunca desanimava; tinha uma força enorme no espirito dos seus marinheiros, e dava-lhes coragem a todo o momento.

Um dia, ai filhos, quanta alegria não teriam elles todos com isto! Sobe um d'elles ao alto d'um mastro e vê ao longe, muito ao longe, quasi sumidinha de todo...

— O quê, o quê? — perguntaram os pequenos.

— Uma linha azulada, escura, que mal se percebia... O rapaz gritou como um doido: Terra! e elles todos, per-

didos d'alegria, de esperança, desataram a abraçar-se uns aos outros, a rir e a chorar ao mesmo tempo.

—Era a India?— perguntou o Joaquim.

—Era a India— respondeu a avó— era a linda cidade de Calecut!

—Ai, ainda bem— suspirou o Manuel com allivio.

—Então, chegaram-se a terra a toda a pressa; Vasco da Gama dirigiu-se ao Samorim, que era o rei d'aquellas paragens ali, contou-lhe d'onde vinha e quem eram os portuguezes.

—E o Samorim fez-lhe logo guerra?— perguntou a Therezinha.

—Não, senhora, nem havia razão para isso. Recebeu o Vasco da Gama com todas as honras, mandou immensos presentes ao rei de Portugal, apreciou até muito aquella visita dos portuguezes. Mas o peor foi depois uma grande intrigalhada que moveram por lá uns certos mouros e que ia pondo todos ás turras uns com os outros.

—E quando elles voltaram para Portugal?— perguntou o Joaquim.

—Ora, aquillo faz-se ideia do que foi!

A descoberta do caminho para a India deu brado em todo o mundo, fiquem vossemecês sabendo. E 'inda hoje quando lá fóra se falla em Portugal, logo acode ao pensar de todos, o nome do maior dos descobridores. . .

—Vasco da Gama!— terminou alegremente o Joaquim.

Affonso d'Albuquerque

— E' preciso que vos diga, filhos — começou a snr.^a Maria — que afinal de contas a gente da India não aceitou d'olhos fechados as ordens dos portuguezes.

— E olhe vossemecê que elles tinham razão — observou o Chico — que tinham os portuguezes que ir lá dar leis?

— Lá d'isso não sei, menino; o que eu sei, é que se fartavam de refilar, e não era sem guerras e mais guerras que os portuguezes conseguiam que elles se sujeitassem.

— Eu logo vi — disse a Therezinha despeitada — sem guerras é que elles não passavam.

— O proprio Vasco da Gama, pouco depois de chegar a Portugal, para lá voltou com uma data de homens, e não foi com festinhas que chegaram ás boas, não.

Depois ficou uma grande parte da India pertencendo aos portuguezes. Mas como o rei não podia estar cá e lá ao mesmo tempo, nomeava um governador para lá estar, a quem chamavam vice-rei, como quem diz, *quasi rei*.

O primeiro vice-rei da India foi D. Francisco d'Almeida, homem muito respeitado e d'uma grande valentia.

E o maior de todos os governadores da nossa India foi Affonso d'Albuquerque.

— Quantas pollegadas tinha elle, snr.^a Maria? — perguntou o Chico com admiração.

— Eh rapaz — respondeu a boa velhinha a rir — então tu julgas que os homens se medem aos palmos ou ás pollegadas?

— Vossemecê diz que elle era o maior de todos os governadores! — disse o Chico coçando a cabeça.

— E' maior pelo saber, não é, avó? — observou o Joaquim.

— Sim, menino; é maior p'lo saber, p'la intelligencia e tambem p'lo coração; isto sem desfazer nos outros, que os houve de mão cheia!

Quando D. Affonso d'Albuquerque lá chegou, encontrou aquelle gentio muito retilão com os portuguezes, todo cheio d'embirrações com a gente e sempre em rixas e revoltas.

Aquillo era uma coisa por demais.

Começou a pensar na melhor maneira de ter tudo contente e socegado; e lembrou-se de que *só com vinagre não se apanham môscas*. E em lugar de levar tudo a ferro e a fogo, entrou a tratar bem os gentios, a saber da sua vida, a procurar trazel-os satisfeitos, a fazel-os gostar dos portuguezes, em vez de lhes ter zanga.

Já se vê que isto não quer dizer que não tivessem guerras por lá. Mas depois de vencidos os indios, depois de tomar Malaca e Ormuz, Affonso d'Albuquerque não os tratava mal; e, pelo contrario, com tão bom coração olhava por elles, que aquella gente começou a vêr que elle era um santo homem e tudo morria por elle.

— Era novo n'esse tempo? — perguntou o Manuel.

— Era um homem de meia idade, já mais p'ra velho do que p'ra creança; muito alto e bem posto e com uma linda barba que lhe chegava quasi á cintura.

— Como é que a avó sabe que elle era assim? Viu o retrato d'elle? — perguntou a Therezinha.

— A fallar a verdade não foi bem um retrato que eu vi; mas ha em Lisboa um Affonso d'Albuquerque muito grande,

como se fosse de carne e osso, que parece feito de ferro, e está em cima d'uma columna n'um grande largo p'ra os lados de Belem.

Mas como eu vos dizia ha pouco, Affonso d'Albuquerque ía assim conquistando o gentio da India, ainda mais pela brandura do que pela força, percebem vossemecês?

E depois d'alguns annos do seu governo tinha aquelle homem conseguido mais do que todos os que antes d'elle governavam só pela força.

O certo é, que Portugal ficou senhor, e bem senhor, de toda aquella região; e a par d'esse poderio, andava o gentio satisfeito e tudo corria ás mil maravilhas.

Mas em todos os rebanhos ha ovelhas ranhosas, pois não ha? E entre os portuguezes havia uns invejosos que não podiam vêr uma camisa lavada a um pobre.

Lá que o Affonso d'Albuquerque vencesse nas guerras com o gentio, ainda vá; mas vêl-o tão estimado por todos, tão respeitado, rodeado d'amigos, isso é que era demais para aquelles malvados.

— Sempre estou p'ra vêr o que lhe fazem — observou, rancoroso, o Joaquim.

— Começaram a fallar p'ra aqui, a murmurar p'ra acolá, e a escrever p'ra o rei a dizer tudo quanto havia de mau e de falso.

Mas deixem-me dizer-lhes bem o que Affonso d'Albuquerque foi para Portugal!

Depois de conquistar terras sobre terras na India, fundou uma cidade que 'inda hoje é cheia d'importancia; chama-se Gôa.

E que sabedoria elle tinha!

E que façanhas valentes enchiam a sua vida toda!

E que coração de oiro a par de tudo isto!

Pois meninos, d'este homem a quem na India chamavam *O Grande*, chegou o rei D. Manuel a desconfiar!

—Então foi dar ouvidos aos invejosos?— perguntou o Joaquim indignado.

—E taes foram os desgostos que lhe deram estas tristes coisas, que d'ahi a pouco morreu, adorado por toda a gente da nossa India, e até tido por santo!

—Os taes invejosos é que o mataram, afinal— disse o Manuel com desconsolo.

—Pois disseste bem, filho; tambem assim me parece.

—O peor 'inda foi o rei ter acreditado— observou o Joaquim.

—O que é certo é que tanta ingratição e maldade desgostaram profundamente essa grande alma que tanto bem fez á nossa Patria.

A unica coisa que compensa um pouco é mais tarde ter-se sentido bem a grandeza d'elle e ser hoje tido e havido como um dos maiores portuguezes da nossa Historia.

Com isto a snr.^a Maria levantou-se, e o ranchinho debandou.

D. João de Castro

— Ha que tempos que a avó não fala de navegadores — disse o Joaquim no domingo seguinte.

— Se calhar, depois do Vasco da Gama mais nenhum se atreveu — observou a Therezinha.

— Não acredito — respondeu o Joaquim despeitado — não é verdade, avó?

— Se eu lhes fôsse a falar de cada navegador que houve — disse risôna a avó — parece-me que nunca mais acabava.

— Eu bem dizia — interrompeu o Joaquim.

— Houve tantos, louvado seja Deus! E tanta riqueza trouxeram á nossa bôa terra!

Um d'elles sabem vossemecês que terra elle descobriu? Pois nem mais nem menos do que... o Brazil!

— Meu pae já lá esteve — declarou o Miguel muito ufano.

— E eu tenho lá o meu mano mais velho — acudiu a Monica cheia de importancia.

— Pois quem descobriu o Brazil foi um portuguez chamado Pedro Alvares Cabral, e bom será que se não esqueçam do nome d'elle.

Mas hoje vou fallar-vos d'um vice-rei da India que muitos e bons serviços prestou á sua terra, mostrando sempre um desinteresse immenso e pondo acima de tudo o bem da Patria.

— Os vice-reis da India eram todos assim, não eram? — perguntou o Miguel.

— Qual, menino! Alguns houve e muitos, mau grado nosso, que só pensavam em fazer fortuna por lá, sem se importar nem com os interesses dos outros, nem com os da sua terra.

— De dois já eu sei que foram optimos — declarou o Joaquim.

— D. Francisco d'Almeida foi o primeiro! — acudiu o Manoel.

— E Affonso d'Albuquerque o maior d'elles todos! — completou o Joaquim.

— Pois D. João de Castro — continuou a snr.^a Maria — não lhes ficou atraz, meus meninos.

Era um fidalgo de grande intelligencia e valôr, e o seu gôsto era que o nosso poderio na India se fôsse mantendo bem seguro, sem para isso se gastar muito dinheiro.

Ora já se vê que, quando ha guerras a sustentar, ha sempre despezas a mais.

— Que dinheiro tão mal empregado — disse a Therezinha.

— Se queres que te diga, menina, tambem penso como tu n'esse ponto; mas os tempos eram outros, e se Portugal não sustentasse aquellas guerras com os gentios, adeus rica India, que lá se ia para sempre.

Ora um bello dia o bom do vice-rei appareceu todo entristecido; era preciso emprehender uma guerra e a respeito de dinheiro, temos conversado!

— Porque não o pedia ao rei? — perguntou o Joaquim.

— Ora, primeiro que o pedido chegasse a Portugal estás a vêr que se passavam mêzes e mêzes! O dinheiro era pre-

ciso para aquella occasião; e o bom do D. João de Castro não o tinha.

Que se lembra elle de fazer? Se vossemecês se deitassem a adivinhar, nem que passassem dias e dias a pensar n'isso, não adivinhavam com certeza.

— Quem sabe? — alvitrou o Chico a rir.

— Experimentem — respondeu a snr.^a Maria alegremente — vamos, que lhes parece que fez D. João de Castro para arranjar dinheiro?

— Foi-se offerecer como moço de lavoura — lembrou o Chico.

— O vice-rei a lavar! Ah! ah! ah! — gritou o Joaquim rindo á gargalhada.

— Despediu todos os creados — disse o Manuel — e guardou o dinheiro das soldadas!

— Olha que essa ideia não era de todo má — respondeu a snr.^a Maria a rir — mas d'isso não se lembrou elle.

— Diga o que elle fez, avó, sim? — pediu com impaciencia o Joaquim, que, receando não acertar, nem tentava adivinhar.

— Pois querem saber o que elle fez?

Foi-se ás suas grandes barbas, que eram lindas e sedosas, e que todos muito admiravam, e zás, cortou-as rente ao queixo.

— E depois? — interrogaram os pequenos sem perceber.

— Foi empenhal-as! — exclamou a snr.^a Maria triumpante vendo os olhos espantados da pequenada.

— Sim, senhora — continuou ella a rir — e deram-lhe tanto dinheiro por ellas que lá' foi essa bella ajuda para a guerra.

— Eu cá se fôsse elle antes tinha despedido os creados — disse o Manuel desapontado.

—Essa ideia d'empenhar as barbas é que nunca ninguém teve, pois não?— observou o Joaquim.

—E para que é que se queria as barbas d'elle?— perguntou a Therezinha franzindo o nariz.

—Ora essa— respondeu a avó— as barbas do vice-rei! As barbas do grande D. João de Castro! As barbas de quem até os proprios cabellos dava para ajudar a sua Patria!

—E o certo é que a ideia foi bôa, visto que lhe deu o dinheiro preciso— declarou o João Francisco, raciocinando com intelligencia.

Camões

— Meninos! — exclamou a snr.^a Maria com uma vivacidade e um enthusiasmo bem de espantar para os seus 74 annos — o nome que vos vou dizer é d'aquelles que fazem um portuguez estremecer de orgulho!

— Diga lá, avó, que nome é? — perguntaram os pequenos chegando-se para junto da avó.

— O nome do maior poeta que houve em Portugal, e um dos maiores em todo o mundo!

— Poeta é quem faz versos, não é?

— E'. O nome do maior patriota!

— Patriota é quem gosta da Patria?

— Sim. O nome d'um grande guerreiro!

— Guerreiro é quem vae á guerra, já se vê.

— Pois 'tá visto. O nome do maior, do melhor dos portuguezes: Luiz de Camões.

— Esse já nós ouvimos — disse o Joaquim.

— E' um que era cego d'um olho? — perguntou o Chico.

— Um que ia morrendo no mar? — tornou o Joaquim.

— Vocês nem deixam a avó contar — observou o Manuel muito aborrecido.

— Luiz de Camões — começou a snr.^a Maria — foi, como eu vos disse já, o maior entre os grandes portuguezes!

Era um rapaz de rara esperteza e sabedoria; e tinha estudado tudo quanto ha em livros antigos, embora no tempo d'elle não se estudasse tanto como agora.

Era um lindo rapaz, com uma barba aruivada, alto e bem posto.

Já em muito novo fazia versos que era uma belleza.

— Como os do Gil Vicente? — perguntou o Joaquim.

— Não eram da mesma feição, segundo tenho ouvido dizer: os de Camões ou eram todos patriotas, ou então amorudos, ternos e lindos; sem troças, como os do Gil Vicente.

— Se calhar não estava lá para s'importar com a vida dos outros — observou o João Francisco.

— Pois acertaste. Com o que elle muito se importava, era com os lindos olhos d'uma menina lá do paço, chamada D. Catharina d'Athayde.

— Era o namoro d'elle — disse o Joaquim com ar entendido.

— O que eu sei é que elle não via outra coisa no mundo.

— E ella gostava d'elle? — perguntou o Joaquim com interesse.

— Pois não! Eram doidos um p'lo outro, coitadinhos...

— Então temos casorio — concluiu o Joaquim encantado.

— Aquelle amor dos dois estava mesmo a pedir uma bôda, isso estava; mas o diabo arma-as! e a familia da D. Catharina, a quem por signal o Camões chamava Nathércia, é que nem por sombras queria o casamento. Lá porquê, não vos sei eu dizer; mas não descançaram emquanto não viram o Camões pela barra fóra...

— Qual barra, avó? Que é isso? — perguntaram os pequenos a um tempo.

— Isto passava-se em Lisboa; e chama-se a barra o sitio onde os rios entram no mar. E' como quem diz que queriam vê-lo fóra do rio Tejo e... longe da namorada, já se vê.

Ora como o Camões era soldado, trataram mas foi de o despachar para a Africa, onde havia guerras. Por lá batalhou como um valente que era, e lá deixou, coitadinho, um dos seus lindos olhos!

— Eu bem dizia — observou o Chico triumphante.

— O pobre do Camões não creou raizes cá em Portugal! Veiu encontrar a Nathércia a morrer. . .

— Talvez com saudades d'elle — disse o Joaquim.

— Pois não digo menos d'isso; e o caso é que se finou a pobresinha. Por morte d'ella fez elle uns versos tão lindos, tão lindos. . . Já um dia os tive todos na cabeça, sabem vossemecês? Agora só me lembro do começo, que era assim:

Alma minha gentil que te partiste
Tão cedo d'esta vida descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

— Então elle diz que a alma d'elle se partiu? — perguntou o Manuel admirado.

— Chamava-lhe a ella a sua alma, não entendes, filho? Era como quem dizia que a alma d'ella lhe pertencia a elle, pelo grande amor que lhe tinha.

— São lindos, avó, e tão tristes! — disse o Joaquim.

— Pouco depois, mais triste que nunca, Camões partiu para a India, onde os soldados tinham sempre serviços que prestar. Da India, foi parar a Macau, que fica na China. Ahi, lembra-se elle um dia de começar um trabalho em verso, mas que trabalho, filhos! Não é uma pobre velhota como eu que vos pode dizer o que aquillo é. . . — e a snr.^a Maria abanou a cabeça com desconsolo.

— Ande avósinha, diga lá; vossemecê diz tudo quanto ha tão bem! — disse o Joaquim com meiguice.

— A avó é que é uma grande portugueza! — acrescentou o Manuel abraçando-a ternamente.

— Então vamos ao caso e o que sahir sahiu — tornou a boa da snr.^a Maria, sorrindo.

Havia muito que Luiz de Camões pensava em escrever a historia dos portuguezes em verso; mas que obra era aquella!

— Começava no Egas Moniz? — perguntou o Joaquim.

— Não, menino, aquillo não vae assim a seguir, do primeiro rei até ao tempo d'elle. Mas espera, que já explico melhor.

Esta obra tamanha chama-se: *Os Luziadas*; digam-me já todos este nome bem ditinho...

— Os Luziadas... — repetiram os rapazes sem comprehender.

— Está bem na vossa cabeça? Thereza, Monica, como se chama a grande obra do Camões?

— Os Luzias — disse a Therezinha com importancia, enquanto a Monica segredou timidamente: Os Rocíos.

— Ai que raparigas estas — acudiu a snr.^a Maria — oiçam todos bem, vem a ser: *Os Luziadas*, entenderam?

— A gente não sabe o que é... — observou desconsolado o Joaquim.

— Pois p'ra que estou eu aqui, senão p'ra explicar? P'los modos chamavam lusitanos ou lusos aos portuguezes antigos, muito, muito antigos.

E quando elle diz *Os Luziadas*, era como se dissesse *Os lusitanos* ou *Os lusos*. Os poetas ás vezes não usam os termos que a gente emprega sempre; de maneira que o que

se entente é que *Os Luçiadadas* era na ideia do Camões como se elle dissesse: *Os portuguezes*, percebem? Vamos ao resto.

Camões, que tinha um amor louco á sua Patria, pôe-se a contar o que fizeram os portuguezes; as terras que elles descobriram por esse mundo fóra; os ensinamentos que deram aos pretos da Africa; a valentia dos seus grandes capitães. . .

— E fallou em Nun'Alvares? — perguntou o Joaquim.

— Se fallou! Não esqueceu nenhum dos nossos grandes homens.

Conta em versos lindos a sahida das naus portuguezas; as ondas do mar a querer embargar-lhes o caminho, a passagem do grande Cabo da Boa Esperança, os vendavaes, os perigos tamanhos, as guerras. . .

— Ai avó, deixe-me lêr os *Luçiadadas*, sim? — pediu o Joaquim cheio d'entusiasmo.

— Pódes pedir ao snr. professor que te mande vir um livrinho da cidade, — respondeu a avó — e eu t'ó dou de prenda d'annos com grande gosto.

E depois póde o snr. professor explicar-te tudo, porque aquillo tem muito que se lhe diga, não cuides que não!

— Mas vossemecê já leu? — perguntou o Manuel.

— Não, meu rapaz; uma das meninas do snr. coronel, que estava sempre com os *Luçiadadas* ás voltas, explicava-me algumas coisas e a pouco e pouco lá me ia ficando tudo na cabeça.

— Conte mais, avó, conte — pediu o Joaquim.

— Depois falla na chegada do Vasco da Gama á India, no encontro d'elle com o Samorim.

E como o Samorim, roído de curiosidade, pergunta ao Gama quem elle é e mais a sua gente, o Vasco da Gama entra a dizer-lhe a historia da nossa terra, das nossas bata-

lhas, a contar-lhe a vida dos nossos reis, da nossa gente e tudo mais.

— Ai, que belleza deve ser. . . — murmurou o Joaquim, pensativo.

— Mas n'uma viagem para Portugal, o navio em que vinha Camões bate contra umas rochas e morreram quasi todos afogados!

— E Camões? — perguntaram os pequenos anciosos.

— Luiz de Camões, com a sua mão fincada na papelada onde tinha escripto os *Luziadas*, e erguendo-a acima das altas ondas, foi nadando, nadando, nadando. . . E Deus sabe como, lá se arribou a terra, salvando assim a sua grande obra!

— Que bom! — exclamou o Joaquim.

— Quando chegou a Portugal, Camões vinha cançado, vinha ainda mais pobre do que fôra, vinha doente e triste. . . E para olhar por elle, só um pobre preto chamado Jau, que o rodeava da maior dedicação.

— E ninguem leu os *Luziadas*? — perguntou o Joaquim admirado.

— Foram lidos, meu filho; mas só depois de Camões morrer é que lhe deram verdadeiro apreço.

Hoje em dia, meninos, não ha portuguez que não conheça os *Luziadas* e que não tenha uma immensa presumpção n'essa obra esplendida! Mas n'aquelle tempo, ninguem fez caso do pobre soldado poeta; e morreu quasi sem pão, com o fiel Jau á cabeceira da sua cama. . .

— Que homem tão grande. . . — e o Joaquim, com os olhos cheios de lagrimas, abraçou ternamente a snr.^a Maria.

D. Antão d'Almada

— Pequênos — disse a snr.^a Maria para uns rapazitos que escutavam sempre as historias sem fazer o minimo commentario — vossemecês gostam d'ouvir ou aborrecem-se? Anda, João José, porque te calas?

E tu, Adelino? Não ouvem como aquelles quatro mafaricos tagarellam sempre p'lo meio das minhas fallas? — e a snr.^a Maria ria.

— Elles com a gente, fallam que eu sei lá — disse o Joaquim — mas teem vergonha de vossemecê.

— Pois isso é que eu não quero, ouviram? E tu, Mariana, porque te mettes a um canto?

Entendes bem as historias, menina?

— A mais linda até agora foi a do Camões — respondeu a pequenita com os olhos no chão e torcendo o avental.

— Olha a marôta! — exclamou a snr.^a Maria — soube escolher, lá isso soube! — E tu, Francisquinha, tambem gostas de historias?

— Gostei mais da do céguinho que fez o tecto bem feito! — respondeu a Francisquinha muito encarnada.

— Vivam as meninas! — applaudiu o Joaquim a rir — E a mana medrosa não diz nada?

— Quem é tão sabichão, nem sei para que anda na escola — respondeu a Therêza com despeito.

— Vossemecês já pensaram no que vae acontecer logo á noite, pequenos? — disse a snr.^a Maria de repente.

—E' o pae e a mãe que chegam da serra!— gritou o Joaquim com alegria—A gente devia ir esperal-os á entrada da aldeia com archotes, valeu?

—Valeu! Valeu!— respondeu um côro de vozes esganiçadas e contentes.

— Bem— interrompeu a avó— mas d'aqui até lá temos ainda muito tempo de espera; e vou contar-vos uma historia de mão cheia!

— Que rica avó nós temos!— disse o Joaquim batendo as palmas.

— Bom, bom, vamos então á historia de D. Antão d'Almada.

Lembram-se de eu vos dizer que os hespanhoes conseguiram um bello dia metter cá os pés, e por cá se deixaram ficar uns sessenta annos a seguir?

— O quê, a mandar na gente?— perguntou o Joaquim indignado.

— Pois! O rei que morrera não tinha filhos; não se sabia bem quem havia de ser o rei de Portugal; e o marôto do Philippe não quiz saber de coisas: declarou que tinha direito ao throno portuguez e fez-se rei de Portugal.

— Entrou pela horta dentro... — observou a Therezinha maliciosamente.

— Os portuguezes, n'aquêlles malditos sessenta annos, estavam que nem bichas... Aquillo era tudo hespanholada a dar leis, hespanholada a mandar, hespanholada a castigar, hespanholada em tudo!

Já tres dos taes Philippes tinham reinado em Portugal; ora quando chegou o ultimo, que era o peor d'elles todos, já por todo Portugal se não pensava senão n'uma coisa:

— Corrêl-os de cá para fóra!— acudiu o Manuel.

— Tal qual, filho; e fazer nosso rei o duque de Bragança, D. João.

De maneira que aquillo eram reuniões em casa d'uns, combinações em casa d'outros, um ferver d'agua por toda a parte.

Quem o tal Philippe cá metterá a governar em nome d'elle era uma certa duqueza de Mantua; e o principal mandão depois d'ella era um homem de maus figados, portuguez, mas malandro como os que o são, chamado Miguel de Vasconcellos.

— Então esse estava feito com os hespanhoes? — perguntou o Joaquim.

— Pois até parece impossivel, mas assim era.

Ora entre os portuguezes bons, havia um que era a alma de toda aquella revolta, percebem? Esse chamava-se D. Antão d'Almada.

No jardim da casa d'elle, um palacio que ali ha em Lisboa, ao pé do Rocio, juntavam-se uns quarenta homens todos patriotas valentes, gente leal e de cabeça: um d'elles era um homem de leis chamado João Pinto Ribeiro.

Havia d'ir tudo raso! mas Portugal voltaria a ser a nação livre que sempre fôra.

E um bello dia, no dia 1 de dezembro de 1640, sahem esses homens como uns doidos, com D. Antão d'Almada correndo á frente; entram pelo paço dentro a dar vivas á Restauração e vivas a D. João IV, rei de Portugal. . .

— Era o tal duque, não era? — perguntou o Joaquim.

— Vivas sobretudo á liberdade da nossa terra!

Procuram o Miguel de Vasconcellos, dão-lhe cabo da pelle, e tratam de fechar a *madama* n'um cubiculo para que ella se deixe estar socegada.

— Mataram-n'a? — interrogou timidamente a Marianna.

— Qual! Depois lá mandaram a creatura para a terra. Chegaram então ás janellas do paço e todos cheios de alegria, gritaram para o povo:

«Viva a liberdade! Viva el-rei D. João IV! Viva a Restauração!»

— Que contente devia estar o povo todo da cidade! — observou o João Francisco.

— Foi uma loucura aquelle dia 1 de dezembro!

E desde esse dia, oiçam bem! nunca mais a nossa rica terra deixou de ser livre e independente.

— O D. Antão d'Almada é que se encarregou de dar os murros, sôccos e pontapés a quem nos queria roubar a horta, Thereza! — disse o Manuel á irmã.

— Se vossemecês soubessem cantar o hymno da Restauração, podiam ir esperar os Paes a cantal-o — disse a avó a rir — porque, valha a verdade, todo este tempo que elles passaram fóra, foi cá por casa o reinado dos Philippes! Parece que até a comida nem sabia tão bem á gente! Agora, com a chegada, é a alegria da Restauração! — e com isto todos correram contentissimos a preparar os archotes para festejar o José Antonio e a Francisca.

O Marquez de Pombal

—Hoje cá estamos nós também— disse a boa Francisca sorrindo, e sentando-se ao pé das pequenas.

—E' tão bom ter cá a mãe... — observou o Manuel.

—E o pae!— accrescentou a Therezinha, beijando a face rugosa e rude do José Antonio.

—Se vossemecê soubesse as coisas que a avó nos tem contado, mãe— disse o Joaquim— a gente nem chega a saber de qual homem gosta mais.

—E tudo historia tão divertidas!— acudiu o João Francisco.

—N'outro dia— disse a Marianna— contei á minha prima Maria Rita aquella historia de Bartholomeu Dias e do gigante Adamastor; mas ella começou a chorar tanto, que por mais que eu lhe dissesse que o gigante era só um grandecissimo penêdo e que não fazia mal a ninguem, qual! não havia quem a calasse!

—Bonita, bonita, era a historia d'aquelle alferes Duarte d'Almeida— observou o Manuel com admiração— quando a gente pensa que lhe cortaram os braços, e elle ferrou com a bandeira na dentuça, aquillo é que foi!

—Hom'essa!— disse o José Antonio espantado— pois um homem com os braços cortados ainda ha de ter força nos dentes p'ra segurar uma bandeira!

—Pois assim foi, pae, que a avó é que o contou— respondeu o Manuel com entusiasmo e convicção.

—E a historia do Lidador?— acudiu o Joaquim— pen-

sar a gente que aos noventa e cinco annos é que elle batalhou d'aquella maneira e até matou o chefe mouro com uma espadeirada!

— Tal estava o velho! — disse o José Antonio a rir — não se enganaria elle na conta dos annos?

— Qual, Zé — respondeu a snr.^a Maria — podes ficar-te com essa, que é bem certo o elle ter tido noventa e cinco annos bem contadinhos!

— O que estão todos é uns sabichões e uns doutores, que é da gente se espantar! — disse a Francisca a rir.

— Cá estas garôtas, é que não mostraram o que sabiam — disse o José Antonio apontando para a Therezinha e para a Monica.

— Pois eu sei bem a historia d'um que virou a mêsa dos hespanhoes de pernas para o ar! — declarou triumphante a Monica.

— E eu lembro-me d'aquelle que foi entregar as chaves da cidade ao rei que já tinha morrido — continuou a Therezinha.

— Bem — disse de repente a avó; — mas quem é que conta hoje uma historia nova?

— E' a avó! — gritaram os dois netos da snr.^a Maria.

— Então vamos a isso; que já é sol posto, e d'aqui a nada são horas da ceia.

O grande homem de hoje chamava-se Sebastião José de Carvalho, Marquez de Pombal.

Estava-se no reinado de D. José, e já Sebastião José de Carvalho era homem conhecido pela sua bôa cabeça, quando aconteceu em Lisboa uma desgraça medonha.

— Um fogo? — perguntou o Joaquim.

— Uma cheia? — acudiu o Manoel.

— Uma guerra? — interrogou a Therezinha.

— Uma doença? — metteu o Miguel.

— Que tagaréllas! nem me deixam explicar.

Sabem o que foi? Foi tudo isso que vocês disseram e ainda peor. Foi um tremôr de terra que fez cahir a cidade, como se fôsse um baralho de cartas!

Houve fogo, porque sahiam chammas do chão; houve cheia, porque entrava o rio pela cidade dentro; houve guerra, porque a gatunagem aproveitou para roubar e fazer mal; houve doença, porque havia gente morta pelas ruas a apodrecêr...

— Cruzes, ti' Maria — observou o José Antonio.

— Pois é como lhes digo. Foi medônho.

Ora aconteceu que, n'essa ocasião, o rei chamou o Sebastião José para sêr ministro.

Era um homem que tinha viajado muito lá para fóra, e que sabia mandar ás direitas.

A primeira coisa de que tratou foi de pôr a cidade outra vez de pé...

— Não havia de sêr muito facil — observou o Joaquim.

— Mandou vir engenheiros e mestres d'obras com desenhos e riscos e tudo quanto ha; mandou a toda a pressa fazer planos de ruas e casas; mandou construir predios, lojas, eu sei cá!

Aquillo foi como por bruxêdo; em pouco tempo estava a cidade de Lisboa toda promptinha como se tal terramoto nunca tivesse existido.

No meio d'aquella desgraça, como eu vos disse ha pouco, a gatunagem andava desenfreada; aproveitavam-se das mortes de uns, da afflicção de outros, e aquillo eram roubos sobre roubos.

Mas lá estava a cabeça do Marquez de Pombal a pen-

sar por todos; mandou erguer uma boa duzia de forcas e foi uma raza na gatunagem!

— Que remedio santo! — disse o José Antonio.

— E quando na manhã do terramoto lhe perguntaram os outros, todos afflictos com aquella grandecissima desgraça que ia pela cidade, «que se ha-de fazer, meu Deus?» elle respondeu: *tratar dos vivos e enterrar os mortos!*

— Boa cabeça, ti' Maria — observou o José Antonio.

— Isso é que elle era, Zé.

Depois, olhou por essa terra fóra e viu que havia pouco ensino, pouco trabalho, pouca riqueza...

— O que havia era pouco juizo, se calhar — disse o José Antonio.

— Pois o diacho é que é sempre o que falta, Zé. E vae o grande marquez, manda abrir escolas, manda montar fabricas, manda tratar das terras, manda construir fortes nas fronteiras.

E como era elle sósinho a mandar (que o rei só via p'los olhos d'elle, depois de lhe conhecer a esperteza) fazia-se tudo o que elle queria, e a nossa terra, que estava muito chôcha quando o marquez de Pombal começou a mandar n'ella, depois d'uns annos levantava cabeça que era um gosto.

— Sempre é preciso ter grande entendimento — observou a Francisca — para assim virar uma terra do avêso p'ra o direito!

— E agora é que disseste bem, filha; o marquez de Pombal virou Portugal do avêso p'ró direito. E aquella cabeça tudo via, a tudo sabia acudir, a todas as coisas dava remedio, para bem do povo e de todo o paiz!

— E gostavam muito d'elle em Lisboa, avó? — perguntou o Joaquim.

—Pudera não—disse o Manuel—se foi elle que levantou a cidade!

—Pois estás enganado; havia muita gente que lhe tinha uma embirração, que nem pintado o podiam vêr!

—Mas porquê, snr.^a Maria? Se elle não fazia senão bem? —observou o Miguel.

—Mas é que elle era um d'estes homens com quem se não brincava; e a gente graúda, de o vêr ali sósinho a dar leis a todos, não podia atural-o!

Depois o demo do marquez tinha a mão pesada a valer; e quando tinha de castigar, eram castigos de arripiar.

De maneira que quando o rei D. José morreu, lá se foi todo o poderio do marquez de Pombal!

—O que vale é que Lisboa estava já toda de pé! —disse o Joaquim.

—E a gatunagem enforcadinha—acudiu o Manuel.

—E as fronteiras bem guardadas; e as escolas, as fabricas, tudo a trabalhar que era uma belleza —continuou a snr.^a Maria com vehemencia —as terras do Douro todas cultivadinhas e cheias do bello vinho, isto é, de riqueza; e muita, muita coisa mais!... Sim, tudo isso é verdade; mas o certo é, que depois da morte do rei, correram com o grande Marquez p'ra a sua quinta de Pombal, e lá o deixaram morrer, de aborrecimento e de desgosto!

—Parece impossivel! —exclamou o Joaquim cheio de indignação.

—Como nenhum tinha a cabeça do marquez, não queriam mas era sujeitar-se á intelligencia d'elle... —observou o José Antonio.

—O que eu sei é que foi o maior ministro que houve em Portugal—concluiu a snr.^a Maria com admiração e respeito.

Almeida Garrett

— Ora sempre quero vêr, pequenada, qual de vossemecês é que se lembra do nome de quem creou o theatro portuguez?— perguntou a snr.^a Maria de repente.

— Vicente!— gritou a Therezinha muito esganiçada e contente.

— Vicente é o côrvo do tio Bonifacio!— declarou o Joaquim rindo a bom rir.

— Gil Vicente!— exclamou o João Francisco triumphante.

— Sim, senhora— continuou a snr.^a Maria— e vejam lá se se ficam lembrando bem do nome d'elle, minhas cabezinhas d'alho chôcho!

— Mas então vossemecê vae outra vez fallar de Gil Vicente?— perguntou, desapontado, o Joaquim.

— Era o que eu devia fazer, visto que nem todos se lembravam já d'elle! mas o caso é outro— acrescentou ella sorrindo— Estava-se já quasi nos nossos tempos, quando viveu o grande homem de quem hoje vou fallar.

— Diga o nome, avósinha, diga— pediu o Manuel.

— João Baptista. . .

— Ah! foi o que baptisou Jesus Christo!!— observou com espanto o Joaquim.

— Oh mafarrico, pois se me não deixas acabar de dizer o nome!— disse a snr.^a Maria a rir— João Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett.

—Safa! tem um nome de vara e meia—observou o Chico.

—Pois basta que mettam n'essas cabeças de bugalho os dois nomes do fim: *Almeida Garrett*; esses dois nomeinhos correram mundo, fiquem vossemecês sabendo.

E para que os não esqueçam nunca, digam-n'os lá todos juntos, vá:

—Almeida Garrett!—exclamaram os pequenos n'um cõro estridente.

—Bem, agora vamos á historia.

Quando era estudante, já todos sabiam que elle escrevia que era uma belleza.

—A letra era muito linda?—perguntou o Manuel, que tinha sempre pessimas notas em caligraphia.

—Lá da letra não sei nada, meninos; o que eu digo era a maneira d'elle escrever as coisas, a feição das palavras, os versos, que eram de fazer bem á alma.

Mas n'aquelles tempos andavam os portuguezes tão enfronhados em brigas, uns p'los miguelistas, outros p'los liberaes, que era uma siranda cá em Portugal. E os proprios estudantes de Coimbra, que a maior parte das vezes só pensam em estudar, namorar, andar em descantes e guitarradas, andavam então n'um fervilhar, que era uma coisa por demais!

O Garrett lá se metteu nas luctas liberaes, entrou no batalhão academico e até foi mandado para fóra de Portugal p'los miguelistas.

Então, quando se viu lá fóra, longe da sua terra, como quem diz, desterrado, começou a escrever, a escrever, a escrever cada vez mais.

—Que escrevia elle, avó?—perguntou o Joaquim.

—Pensando na belleza da nossa historia, foi-se a ella

e poz-se a tirar os bocados mais lindos; rendilhava a linguagem, fazia viver aquella gente toda, punha-os a fallar uns com os outros, e escrevia tudo de maneira a poder ser representado no theatro, percebem?

A verdade é, que depois de Gil Vicente, poucos escreveram coisa de geito para o theatro; e a maior parte d'elles em lugar de escreverem tudo bem ao vivo, bem cheio de verdade, eram sempre uns dizeres arrebicados, sem graça e sem realidade.

— O Gil Vicente o que gostava era de picuinhas ao que os outros faziam, não era? — perguntou o João Francisco.

— Era, era; e com isso, muito bem fez aos costumes do tempo.

Pois o Garrett, vendo a sua Patria muito em baixo, os escriptores sem produzir nada que prestasse, o theatro, por assim dizer, morto, encheu-se de animo e resolveu levantar as letras portuguezas.

— Não percebo nada, sabe vossemecê? — disse o Chico desconsolado.

— Nem eu — declarou a Therezinha.

— Eu cá, estou á espera que venha uma coisa que eu entenda — disse a Monica.

— Bem, bem, vão ouvindo que depois percebem com certeza.

Almeida Garrett poz mãos á obra e trabalhou nos seus escriptos á valentona.

Primeiro escreveu a vida de Camões e toda ella em versos lindos. . .

— Hei-de lêr! — exclamou o Joaquim.

— Depois fez umas obras para theatro, onde apparece gente da nossa historia; onde mostra o amôr patrio

dos nossos avós, a valentia de tantos, a intelligencia de outros...

— Que bonito deve ser! — observou o Miguel.

— Estava o theatro portuguez resurgido emfim, e de que maneira?

Uma das peças d'elle, o *Frei Luiz de Souza*, é uma tal bellêza, que me lembra bem de vêr uma das meninas do snr. coronel chorar a bom chorar de cada vez que a lia! E tenho ouvido dizer que o *Frei Luiz de Souza* é uma das melhores peças de theatro que existem.

— E tudo isso escreveu elle no desterro? — perguntou o Joaquim.

— Por esse tempo já os liberaes tinham vencido os miguelistas; de maneira que Almeida Garrett voltou á sua terra e foi o homem mais notavel do seu tempo.

Mais notavel, sim, isso é que é verdade.

Quando ia discursar entre os outros homens ficavam todos encantados, tão bem elle fallava! Era um orador de mão cheia, como se costuma dizer.

A escrever, ninguem lhe chegava; graça, tinha como poucos; e sabem outra coisa, meninos? Almeida Garrett foi o maior janota do seu tempo!

— Ora o peralvilho! — observou o José Antonio a rir.

— Coisa que elle usasse, prompto, estava na moda!

Mas os escriptos, rapazes, os escriptos d'Almeida Garrett, são dos melhores que ha na lingua portugueza!

— E escrevia só para o theatro? interrogou o João Francisco.

— Qual! Aquillo era de todas as feições e sempre tão bem...

Quem me dera a mim ter ainda bons olhos, que me deitava a lêr os lindos livros que elle escreveu.

— Eu quero lêr tanta tanta coisa, avó, que estou a vêr que a minha vida toda não chega... — declarou o Joaquim muito a sério.

— Vae lendo, menino, vae lendo os escriptos portuguezes, que assim vaes enchendo a cabeça de coisas divertidas e lindas.

E agora para acabar digam-me todos quem foram os dois grandes homens do theatro portuguez:

— Gil Vicente e Almeida Gárrett! — exclamaram o Joaquim e o João Francisco com enthusiasmo.

Sá da Bandeira

— Quem temos nós hoje, ti' Maria? — perguntou o José Antonio, installando-se para ouvir a sua sogra.

— Quem será. . . — murmurou o Joaquim sorrindo e sapateando o chão com impaciencia.

— A ultima historia era tão bonita! — declarou o Manuel — e a do Marquez de Pombal! é uma das que eu mais gosto.

— Pois sim, mas lá ao Camões é que ella não chega! — exclamou a Marianna.

— Não se pareciam nada um com o outro — observou o Joaquim com importancia — e é o mesmo que comparar alhos com bugalhos.

— Bem — interrompeu a avó a rir — querem que lhes falle do marquez de Sá da Bandeira?

— Vamos lá, avó, comece vossemecê depressa, que a gente cala-se logo! — e o Joaquim virando-se para os outros poz o indicador deante da bôcca fechada em signal de silencio.

— Cá vae, rapaziada.

O Marquez de Sá era um militarão de mão cheia, todo dedicado á sua terra e que não conhecia mêdo de especie alguma.

— Parecia-se com o Chico — interrompeu o José Francisco.

— E com a Thereza — acudiu o Joaquim.

— Lá calados é que vossemecês não podem estar, va-

lha-os Deus — murmurou o José Antonio, meio a sério e meio a rir.

— Andavam os portuguezes em grandes brigas por cá, quando viveu o marquez de Sá da Bandeira.

Ao principio eram liberaes e miguelistas; uns pelo rei D. Pedro IV, outros pelo seu mano D. Miguel. Depois, mais tarde, eram os *patuleias* que embirravam com o governo da rainha D. Maria II e contra os que defendiam esse governo. Uma inferneira, meninos!

— E o marquez de Sá por quaes era? — perguntou o Manoel.

— Quando foi a guerra dos liberaes e miguelistas elle era todo dos liberaes; e gosto bem d'elle por isso.

Quando começaram os patuleias da Junta do Porto ás bulhas com os do govêrno da rainha, o marquez de Sá lá entendeu que os da Junta tinham razão, e foi para o Porto commandal-os.

— Que trapalhada de guerras. . . — disse a Therezinha aborrecida.

— E elle chamava-se mesmo Bandeira? — perguntou o Manuel.

— O nome d'elle era Sá Nogueira, uma familia muito distincta e conhecida; depois te direi porque passou a sêr Sá da Bandeira.

O que é certo é que o grande marquez era um general valentissimo, cheio de valôr e de coragem.

E n'uma batalha que houve perto de Villa Nova de Gaya, entre liberaes e miguelistas, tão notavel foi a defesa da sua bandeira, que lhe deram então o nome porque é hoje conhecido.

— Que gôsto elle devia fazer n'esse nome! — observou o Joaquim.

— E ficou-se chamando a esse lugar: o alto da Bandeira. N'essa batalha perdeu elle, coitado, um dos seus valentes braços.

— Faz lembrar o D. Duarte d'Almeida — disse o Manuel.

— Mas da melhor coisa que fez Sá da Bandeira ainda eu vos não fallei, filhos; só por si bastaria isso para o tornar bem célebre!

Lembram-se vossemecês de eu vos explicar o que viham a sêr os escravos nos tempos antigos?

— Isso foi na Historia de Jesus (1), não foi? — perguntou o Manuel.

— Eu lembro-me muito bem — acudiu o Joaquim — eram pessoas compradas pelos ricos e tratadas como se fossem bichos.

— Tal e qual, meu filho. Pois fiquem sabendo que ainda no tempo de Sá da Bandeira, quer dizer, ha menos de cem annos. . .

— O quê, ainda havia escravos? — perguntou espantado o Joaquim.

— Elles não eram brancos como a gente, sabes tu? eram pobres pretos da Africa e do Brasil, que os brancos de lá traziam e que vendiam a tôrto e a direito.

— Que malandrice tamanha — resmungou o José Antonio com indignação.

— Lá isso era, Zé, e a gente até se arrepia de pensar n'isso!

Pois o bom do Sá da Bandeira quando chegou a ministro não quiz saber de mais nada: acabou com a escravatura em Portugal.

(1) Vidè a *Historia de Jesus contada ás creanças*.

— Que boa ideia, avó, só por isso deviam ter-lhe levantado um padrão! — exclamou o Joaquim.

— Pois fizeram-lhe mais do que isso, menino.

N'um jardim muito lindo que ha em Lisboa, perto do rio, levanta-se uma grande pedra com escadaria, e em cima está o marquez, todo de ferro negro, muito alto, como quem vae a andar, sem um dos seus braços e agarrado á bandeira!

— Deve ser lindo! — observou o João Francisco.

— Em baixo, meio deitada nos degraus de pedra branca, está um mulher com uma creancinha de pé ao pé d'ella; e n'um pé tem a mulher uma corrente quebrada.

— E' como quem diz que já está livre? — acudiu o Joaquim com interesse.

— Pois é; e apontando para o nome do marquez que está escripto na pedra, mostra-o e ensina-o á creança com amor e alegria, percebem?

— Deve ser muito lindo, mãe — observou a Francisca gravemente — que alegria não teriam todas as mães de vêr os seus filhos livres e felizes. . .

— Quando eu fôr a Lisboa, vou logo a correr vêr o marquêz de Sá da Bandeira, avó! — e o Joaquim vendo que estava acabada a narrativa da avó, correu a abraçal-a com enthusiasmo.

Alexandre Herculano

— Oh avó — gritou o Joaquim vindo a correr como um doido adiante de todo o rancho — ai se vossemecê soubesse o que temos estado a fazer!

— Eu conto, eu conto — acudiu o Manuel precipitando-se para junto da snr.^a Maria.

— Representámos uma historia — interrompeu o Miguel.

— Eu era uma senhora — disse a Marianna.

— Eu cá fazia de rei — gritou o João Francisco.

— E eu mais a Monica, avósinha, eramos aias da senhora — declarou a Therezinha.

— Deixem-me explicar — supplicou o Joaquim.

— Vamos a ouvir só um de vossemecês — disse a snr.^a Maria — senão dou em doida!

— Eu é que me lembrei da historia — começou o Joaquim — Havia um jantar muito animado, n'uma mesa muito comprida. . .

— Era o banco da escola! — interrompeu o Manuel.

— Estavamos todos á mesa, a fazer saudes e tudo, n'isto levanta-se um hespanhol.

— Era eu! — disse o Chico muito contente.

— E diz assim: Caramba! Los portuguezes são burros! Burros! Burros!

— Foi o que tu me mandaste dizer — disse o Chico desconfiado.

— Mas quando elle disse isto — continuou o Joaquim entusiasmado — eu, que era D. Nuno Alvares Pereira, peguei na mesa . . .

— Que era o banco da aula — acudiu a Marianna.

— E virei-a de pernas ao ar! — concluiu radiante o Joaquim.

— E cahiram os livros, as pennas, os cadernos! — exclamou a Thereza.

— Depois foi uma barulhada! E os hespanhoes fugiram todos! — acudiu o Manuel.

— Se vossemecês se divertiram — respondeu a snr.^a Maria — e se não deram cabo das coisas, está muito bem, mas podiam ter escolhido historia mais bonita e com mais graça.

Sentem-se lá todos com juizo e toca a ouvir a de hoje, que é a do snr. Alexandre Herculano, que Deus haja!

— O quê, avó, é o que vossemecê conheceu? — interrogou o Joaquim.

— Nem mais nem menos.

O snr. Herculano foi um dos maiores portuguezes do seu tempo.

Depois de ser um rapaz valente como poucos, depois de batalhar pelos liberaes e de pertencer até a um certo rancho a quem chamavam *os Bravos do Mindello*, depois de fazer vêr a todos que tinha uma cabeça d'alto lá com ella, o grande Alexandre Herculano começou a escrever . . .

— Foi o tal livro onde vem a morte do Lidador? — perguntou o Joaquim.

— Foram varios livros e esse, sim, que se chama *Lendas e Narrativas*.

Mas quantos, quantos mais! O mais notavel de todos esses livros chama-se *Eurico*; quando esse livro appareceu á venda, ficou tudo entusiasmado!

— Era para se representar no theatro? — perguntou o Manuel.

— Não, Alexandre Herculano não escreveu para o theatro. Mas do maior trabalho d'elle ainda eu não fallei, meninos.

A grande, grande obra, aquella em que elle se mettu com alma e coração, e que tão grande era, que elle nem ao meio chegou, foi a *Historia de Portugal*.

— E não a acabou! — disse o Joaquim desconsolado.

— E' que elle não ia escrevendo assim á ligeira como faziam outros: aquillo era tudo ali posto por miúdos, o bom e o mau; como quem diz, a verdade núa e crúa, a verdade sempre, sem recear melindres de ninguem.

Mas lá a alturas tantas, começaram a implicar com o que elle dizia, e tantas intrigas lhe movêram, tanto o desgostaram, que se fez lavrador e nunca mais quiz saber de escriptos.

— Mal empregado — observou o José Antonio.

— Havia sempre gente má, avó! — disse o Manuel.

— Mas o que é certo e bem certo, meus filhos, é que embora Alexandre Herculano morresse, o seu nome está vivo e muito vivo entre todos os portuguezes; e os seus livros, a sua *Historia*, lá estão para sempre a mostrar aos portuguezes quem elle foi.

— Oh avó, como é que se ha-de ter tempo de lêr os livros d'esses homens todos? — perguntou o Joaquim.

— E tu julgas, Joaquim, que os escriptores são só estes de quem lhes tenho fallado? Ai menino, quem me dera tantos tostões, já nem digo libras! quantos foram os bons escriptores portuguezes e homens notaveis do tempo do snr. Herculano!

— Diga lá alguns, avó — pediu o Joaquim.

— Olha, houve um que escreveu mais de 200 livros, com uma linguagem que é uma perfeição! Chamava-se Camillo Castello Branco.

Houve outro que escreveu obras lindas e uma Historia de Portugal: Oliveira Martins.

Um outro fallava e escrevia que era de pasmar, chamava-se Pinheiro Chagas; mais um escreveu romances tirados da nossa historia, Rebello da Silva.

— Quantos elles são. . . — observou o Manuel.

— Houve um poeta, que tem versos de fazer chorar, ao que dizem, Anthero de Quental.

E um que era céguinho de todo, chamado Castilho!

E um outro (esse é um dos mais novos) por quem morriam lá em casa do snr. coronel, chamado Eça de Queiroz! Esse parece que escreveu poucos livros; mas que taes elles são!

— Quantos tostõesinhos vossemecê já tinha — observou o Manuel a rir.

— E homens notaveis, sem ser p'los escriptos? — continuou a snr.^a Maria — Mousinho da Silveira, que era um ministro de truz; Serpa Pinto, que atravessou a Africa de lado a lado lá por dentro. . .

— De comboio? — perguntou o Miguel.

— Qual comboio! Nunca ninguem se tinha atrevido a ir assim p'los mattagaes d'um lado a outro da Africa.

E quantos, quantos mais!

Já vêem vossemecês que nunca deixou de haver bons e grandes portuguezes, felizmente!

E com isto toca a ceiar, que se vae fazendo tarde.

Joaquim Mousinho d'Albuquerque

— Ai meus filhos — começou a snr.^a Maria num tom saudoso e tristonho — não se espantem vossemecês se me virem os olhos arrazadinhos d'agua p'lo meio da minha historia d'hoje. . .

— Porquê? porquê? — perguntou um côro de vozes anciosas.

— Ora, porque se me vae o coração, todo cheiinho de pena quando me recordo de quem vos vou fallar. . .

— Quem era, avó? Como se chamava? — perguntaram o Joaquim e o Manuel, approximando-se.

— Era o capitão Joaquim Mousinho d'Albuquerque — respondeu a snr.^a Maria, gravemente.

— Estava eu a servir em casa do snr. coronel, que era unha com carne com o capitão Mousinho, e bem mais d'uma vez o servi á meza, louvado seja Deus, e estive ao pé d'elle como estou de vossemecês.

— E a avó fallava mesmo com elle? — perguntou a Thezinha.

— Ora pois não! E vê-lo comer docesinhos bons! Aquillo era um gosto.

As meninas lá de casa, eram doidinhas por elle! E quando se punha a contar coisas d'Africa, ellas parece que lhe bebiam as palavras. Eu cá por mim até ficava tão distra-hida que nem servia em têrmos; elle fallava tão bem!

Era um homemzarrão, muito alto, sempre fardado; soldado dos pés á cabeça. . .

Curvava-se um pouco, a modo por costume; usava o boné assim um nadinha ao lado e tombado para traz, e um vidro redondo deante d'um dos olhos! Parece que estou a vê-lo! E a fallar tinha um modo que se não compara com ninguem.

Aquillo era um homem d'outros tempos, isso é que elle era. Os soldados que o serviam tinham por elle uma amizade tamanha, que um vi eu, fiquem sabendo, chorar como um menino quando soube que o major Mousinho tinha morrido!

— Então elle era major, avó? — perguntou o Manuel.

— Antes de fazer a grande campanha d'Africa era capitão; mas depois foi feito major e olhem que não foi favor nenhum que lhe fizeram! Até deviam tê-lo feito logo general, se bem que não tivesse sequer uma branca na cabeça!

Um dia que elle jantou em casa dos meus senhores, quando eu entrei na sala a levar o café, vi-o pegar da espada, que estava posta em cima d'uma mesa de pedra verde que lá havia, e dizer assim para o snr. coronel (parece que o estou ouvindo, credo!): «Eu vou para a Africa» — e a snr.^a Maria poz-se a carregar nos rrr com toda a força — «E olhe você que eu ou fico lá, ou faço alguma coisa».

— E para que é que elle ia para a Africa? — perguntou a Therezinha.

— Ia para a guerra, não ia, avó? — respondeu o Manuel.

— E' que a pretalhada d'Africa andava desenfreada — disse a snr.^a Maria — Havia lá um rei d'elles, um grandecissimo tamanhão, feio como quê, que não fazia senão matar gente nossa, entrar pelas terras que nos pertenciam, e até espicaçava os pretos para que não fizessem caso d'aquillo que a gente mandava fazer.

— Ora um preto a querer mandar! — disse o Joaquim cheio de desdem.

— Lá o ser preto não tem nada — disse a avó — mas aquelles eram maus e selvagens.

— Na terra do meu tio ha um preto, senhora Maria — observou timidamente a Monica.

— Ai que medo! — disse a Therezinha.

— E' preto, preto, preto que nem um carvão! E os dentes muito brancos! Tem uns olhos que mettem mesmo medo — continuou a Monica, sentindo-se importante.

— Pois o tal pretalhão chamava-se Gungunhana; e para mais era já velhote, o marôto, e nem por isso tinha juizo.

Estava mesmo damnado, o maldito, quando partiram para a Africa os nossos soldados e officiaes a vêr se podiam castigar-o.

Ora um bello dia, de que se ha-de lembrar o nosso grande homem? Estava já todo aborrecido de não encontrarem o Gungunhana; a pretalhada escondia-se pelos matagaes, e a respeito de os apanhar, temos conversado.

O capitão Mousinho, que n'essa occasião estava só com os seus 46 soldados, volta-se para elles e diz assim: «Olhem lá, rapazes, e se a gente fôsse ter com o Gungunhana e prendel-o?»

Ora é preciso que vossemecês saibam que o Gungunhana vivia lá para os interiores do matto, e tinha mais de tres mil pretos á volta de si.

— E os nossos eram só 46? — disse o Joaquim.

— Tal qual, meu rapaz; mas quê! os portuguezes são uns valentões que até dá gosto a gente ser portugueza tambem.

Ora os soldados, quando o capitão Mousinho lhes disse

aquillo, gritaram todos á uma: «Vamos, vamos, meu capitão!» e aquillo era mesmo uma berrata de contentes.

Ora isto d'ir prender o Gungunhana era uma coisa tão espantosa e de tanta loucura, que vossemecês é que nem o podem pôr na sua cabeça!

Mas o capitão Mousinho, quando queria uma coisa, nada o fazia voltar atrás.

E ás 3 da madrugada, noite cerrada, com chuva a potes, aqui se mettem a caminho.

Volta e meia parava a chuva; e elles todos ensopadinhos tinham de atravessar charcos de lôdo, com agua até ao joelho! Depois de amanhecer, vinha um sol de braza; e chegavam a ficar a escorrer em suor!

—Ai avó, como é que não morreram...— murmurou o Joaquim.

—Ora a tiritar debaixo d'agua, ora a suar debaixo do sol ardente, ora a caminhar no lôdo, ora a picar-se no matto, mas lá iam sempre, cheios de fé que haviam de prender o Gungunhana.

E quando se lembravam da alegria que seria cá na sua terra, para toda a gente portugueza, quando chegasse a noticia, parecia que voavam por aquelles caminhos do inferno!

Uns já ardiam em febre, coitadinhos; mas o grande capitão animava-os sempre, e todos o seguiam nem que fosse para o fim do mundo!

Assim andaram, e quasi a correr oito horas seguidas!!! (1)

Lá descançaram um bocado e voltam a metter-se a caminho.

(1) Vidè *Relatorios de Mousinho d'Albuquerque*.

Quando estavam já perto d'um sitio chamado *Chaimite*, que era onde diziam que estava o pretalhão, veio-lhes um cheiro que era mesmo um fedor.

— Oh avó que porcaria! — exclamou o Manuel.

— E que vêem elles? Tudo cadaveres pelo chão, tudo gente morta aqui e acolá, caveiras já brancas de velhice, ossos . . .

— Era o cemiterio? — perguntou o Joaquim.

— Qual? aquillo era a grandecissima pouca vergonha do Gungunhana, que mandava matar por dá cá aquella palha. Que malvado!

Estavam já na povoação do Chaimite; agora é que eram ellas!

Para entrar era um espacinho onde só cabia um homem de frente; e dos lados, pretos e mais pretos, de espingardas armadas, promptos a matar os nossos um por um!

— Ai meu Deus! ai meu Deus! — gemeu a Therezinha — talvez que os nossos ainda pudessem voltar atraz!

— Fazes-me tanta raiva — resmungou o Joaquim furioso.

— Mas o capitão Mousinho, á frente de todos, corre para a pretalhada com a sua espada erguida; e elles, cheios de mêdo, ali se ficaram como frades de pedra . . .

— Parecem-se com a Thereza — disse o Manuel entre dentes.

— N'isto o capitão Mousinho foi-se para a barraca que ali havia, e no meio d'um silencio em que nem as môscas se ouviam, gritou pelo Gungunhana com toda a força.

Quando o preto appareceu, todo arrogante e toleirão, mandou-o prender; e voltaram todos de Chaimite com uma alegria que vossemecês bem devem pôr na sua cabeça!

Tamanha era a do capitão Mousinho, que não cabia em

si de contente; como o seu rei ia ficar quando tal soubesse!
E que felicidade para a nossa terra, que ha que tempos andava em guerras com a pretalhada do Gungunhana!

Ali mesmo se deram vivas ao rei; vivas á nossa rica terra; vivas aos nossos bons soldados!

—Ai quem me déra têr lá estado! — exclamou o Joaquim entusiasmado.

— Dizes bem, rapaz! — Coisas d'essas não se passam todos os dias; e são raros os Mousinhos, infelizmente.

Diga-se tambem que os soldados e officiaes, que estavam com elle, eram homens de cabeça e coração e coragem; bem o dizia elle sempre!

— Ficaram todos amigos até á morte, se calhar — observou o João Francisco.

— Isso é que ficaram com certeza.

Depois ouvi eu contar ás meninas do snr. coronel o que foi por Lisboa no dia em que se soube a historia de Chaimite!

Parece que veiu a noticia quando estava o rei no theatro e toda a gente entretida a vêr a funcção.

N'isto espalha-se aquella nova com um foguête, e levanta-se toda a gente a dar vivas de alegria.

A musica põe-se a tocar e as senhoras até choravam d'impressão!

— Que bonito devia sêr! — disse o Joaquim.

— Lá isso devia! N'aquella occasião quem era cá dos nossos sempre devia sentir um batuque dentro do peito, com certeza.

— Oh avó, batuque já eu tenho! — exclamou o Joaquim entusiasmadissimo.

— E o capitão Mousinho veiu logo com o preto para Lisboa? — perguntou o Manuel.

— Isso é que foram festas para elle! — disse o Joaquim.

— Qual! deixou-se lá ficar, a fazer a sua obrigação, a batalhar como se nada mais tivesse feito.

Mas mais tarde quando elle chegou á cidade de Lisboa, ai filhos, quando me lembro até me faz chorar!

— A avó viu-o vir? — perguntou o Joaquim.

— Se o vi vir! Ali pela rua das Trinas acima, todo direito no seu cavallo, com o vidrinho no olho, o cigarro ao canto da bocca, o boné um pouco de banda, parecia que ia no ar, tão negrinha de gente estava a rua!

E tudo gritava vivas, e acenava com lenços! e até as minhas meninas choravam que nem umas fontes.

— Mas porque choravam ellas? — perguntou o Chico espantado.

— Você tambem nunca entende nada — disse o Joaquim aborrecido.

— E eu estava mesmo perdidinha de alegria — continuou a boa velha — e não me pude ter que não gritasse tambem: «Ora viva o capitão Mousinho!»

— E ouviu-se bem a voz de vossemecê? — perguntou o Manuel radiante.

— Lá isso não me parece — tornou a avó — mas quem podia ficar calada? Era como um fogo que se me pegára! E ia dando vivas e mais vivas que até fiquei rouca.

— E depois, vossemecê nunca mais lhe fallou? — perguntou o Joaquim.

— Ora essa! — respondeu a avó — a primeira vez que elle jantou em casa do snr. coronel aquillo é que foi uma alegria!

Uma das meninas foi-se á cadeira que era para elle e pôl-a toda cheia de flôres; foi-se a uma grande boneca que lá havia, assim do tamanho d'uma pessoa, e pôl-a á porta

da rua, com o braço espetado e uma corôa de loureiro na mão!

— E elle? e elle? — perguntou o Joaquim.

— Ria, ria, ria, que era um gosto! Depois foi um jantar todo a ouvil-o... Ai quando penso que elle já se foi para sempre, santo nome de Jesus, 'inda me parece mentira... — e a snr.^a Maria enchugou uma lagrima bem saudosa e sentida.

— O que lhes digo, rapazes — tornou ella com viveza — é que é preciso que ponham bem na cabeça e nunca esqueçam este nome d'um grande e valente portuguez: Joaquim Mousinho d'Albuquerque!

— Era Joaquim, como eu — observou o Joaquim muito contente.

— E com este grande nome — continuou a snr.^a Maria — acabo as minhas historias dos grandes portuguezes...

— Que pena! — exclamou um côro desconsolado.

— O que é preciso — voltou a avó — é que tratem tambem de ser uns bons e valentes portuguezinhos, ouviram?

— Eu queria ser como D. Nuno Alvares Pereira! — declarou o Joaquim.

— Eu como Vasco da Gama — disse o Manuel.

— Eu gostava de ser como o major Mousinho e ir para a Africa — observou o Miguel.

— Eu antes queriã ser o tal Vicente que fazia representações; ao menos não andava em guerras — disse a Therezinha.

— Agora vamos todos dar um grande viva á avó, sim? — gritou o Joaquim.

— Vivaa! Vivaa! — exclamou o côro com entusiasmo; e a boa da snr.^a Maria desapareceu debaixo dos abraços e dos beijos do seu auditorio.

INDICE

	Pag.
Egas Moniz	7
- Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador	13
Martim Moniz.	19
Martim de Freitas	23
- D. Nuno Alvares Pereira	27
- Affonso Domingues.	31
Infante D. Henrique	35
Duarte d'Almeida.. . . .	41
Bartholomeu Dias.. . . .	45
- Gil Vicente	51
- Vasco da Gama	59
- Affonso d'Albuquerque.. . . .	65
D. João de Castro	69
- Luiz de Camões	73
D. Antão d'Almada	79
Marquez de Pombal	83
Almeida Garrett	89
Sá da Bandeira	95
Alexandre Herculano	99
- Joaquim Mousinho d'Albuquerque	103





